

Λ ΒΙΒΛΙΑ



PENTATEUCO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bíblia. Português.

A Bíblia : Pentateuco / tradução do hebraico, introdução e notas de Elizangela Chaves Dias (Gn e Lv), Fabrizio Zandonadi Catenassi (Nm introdução e notas), Leonardo Agostini Fernandes (Dt), Matthias Grenzer (Ex), Vicente Artuso (Nm tradução) – São Paulo : Paulinas, 2021.

ISBN 978-65-5808-049-7

1. Bíblia. A.T. - Pentateuco I. Dias, Elizangela Chaves II. Catenassi, Fabrizio Zandonadi III. Fernandes, Leonardo Agostini IV. Grenzer, Matthias V. Artuso, Vicente

21-0934

CDD 222.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia. A.T. - Pentateuco 222.1

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

1ª edição – 2021

NIHIL OBSTAT



DOM PEDRO CARLOS CIPOLLINI
BISPO DIOCESANO DE SANTO ANDRÉ
PRESIDENTE DA COMISSÃO EPISCOPAL PARA A DOCTRINA DA FÉ

IMPRIMATUR



DOM WALMOR OLIVEIRA DE AZEVEDO
ARCEBISPO DE BELO HORIZONTE
PRESIDENTE DA CNBB

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

APRESENTAÇÃO

Ler a Bíblia é uma oportunidade de encontrar-se com a misteriosa presença da Palavra de Deus neste mundo. Nas últimas décadas, esse processo de escuta e leitura foi experimentado de modo especial na América Latina. “As pequenas comunidades, sobretudo as Comunidades Eclesiais de Base, permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus” (*Puebla*, 629; *Aparecida*, 178). Assim, foi possível experimentar como o encontro pessoal e comunitário com a Palavra de Deus – sobretudo, com Jesus, o Verbo encarnado – renova as relações, favorece o compromisso com a justiça e estimula a construção de um mundo melhor, mais próximo do Reino de Deus.

Contudo, para ampliar o acesso à Palavra de Deus através da escuta e leitura da Bíblia, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe definiu, em 2007, que seria “prioritário fazer traduções católicas da Bíblia” (*Aparecida*, 94). Consoante a isso, PAULINAS Editora, no mesmo ano, decidiu iniciar uma longa jornada de trabalhos, a fim de realizar uma tradução da Bíblia com o nome de A BÍBLIA. Ou seja, com espírito eclesial de discípulo-missionário, as Irmãs Paulinas, com seus colaboradores, se propõem a ajudar a Igreja em sua tarefa de anunciar o Evangelho a todos, cientes de que o “contato mais direto com a Bíblia” e uma “maior participação nos sacramentos” podem resultar em uma “fé mais fecunda” (*Aparecida*, 262).

Após ter apresentado o Novo Testamento no final de 2015 e, no início de 2017, os Salmos, agora, em 2021, PAULINAS Editora publica o Pentateuco. Buscou-se traduzir, de forma exata e fluente, o que autores israelitas escreveram originalmente em hebraico. Para auxiliar a compreensão do texto bíblico, foram elaboradas Notas Explicativas e Introduções para cada um dos cinco livros que compõem o Pentateuco. Atentas ao caráter literário e ao contexto histórico-geográfico, elas visam, sobretudo, à reflexão teológica presente no Pentateuco, facilitando a leitura espiritual, o estudo acadêmico e a celebração litúrgica da fé.

Enfim, as Irmãs Paulinas e seus colaboradores querem com esta tradução contribuir para que “o estudo da Sagrada Escritura” se torne “uma porta aberta para todos os crentes” (*Evangelii Gaudium*, 175), cultivando também a esperança de que os

instruídos pela Bíblia cheguem mais facilmente a um encontro pessoal e comunitário com a Palavra de Deus, tanto para seu bem como para o bem de toda a humanidade. Ou, com as palavras do papa Francisco: “Quem se alimenta dia a dia da Palavra de Deus torna-se, como Jesus, contemporâneo das pessoas que encontra; não se sente tentado a cair em nostalgias estéreis do passado, nem em utopias desencarnadas relativas ao futuro” (*Aperuit Illis*, 12).

Paulinas Editora
Ano Bíblico da Família Paulina, 2020-2021

DIREÇÃO E COLABORAÇÃO

Direção editorial

Flávia Reginatto

Vera Ivanise Bombonato

Tradução do hebraico, introdução e notas

Elizangela Chaves Dias (Gn e Lv)

Fabrizio Zandonadi Catenassi (Nm introdução e notas)

Leonardo Agostini Fernandes (Dt)

Matthias Grenzer (Ex)

Vicente Artuso (Nm tradução)

Revisão exegética

Matthias Grenzer

Revisão literária

Anoar Jarbas Provenzi

Capa

Cláudio Pastro (†)

Diagramação

Tiago Filu

Texto hebraico

Biblia Hebraica Stuttgartensia. Fünfte, verbesserte Auflage.
Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

ABREVIATURAS

Ab	Abdias	Jr	Jeremias
Ag	Ageu	Js	Josué
Am	Amós	Jt	Judite
Ap	Apocalipse	Jz	Juizes
At	Atos dos Apóstolos	Lc	Lucas
Br	Baruc	Lm	Lamentações
Cl	Colossenses	Lv	Levítico
1Cor	1 Coríntios	Mc	Marcos
2Cor	2 Coríntios	1Mc	1 Macabeus
1Cr	1 Crônicas	2Mc	2 Macabeus
2Cr	2 Crônicas	MI	Malaquias
Ct	Cântico dos Cânticos	Mq	Miqueias
Dn	Daniel	Mt	Mateus
Dt	Deuteronômio	Na	Naum
Ecl	Eclesiastes (Coélet)	Ne	Neemias
Eclo	Eclesiástico (Sirácida)	Nm	Números
Ef	Efésios	Os	Oseias
Esd	Esdras	1Pd	1 Pedro
Est	Ester	2Pd	2 Pedro
Ex	Êxodo	Pr	Provérbios
Ez	Ezequiel	Rm	Romanos
Fl	Filipenses	1Rs	1 Reis
Fm	Filêmon	2Rs	2 Reis
Gl	Gálatas	Rt	Rute
Gn	Gênesis	Sb	Sabedoria
Hab	Habacuc	Sf	Sofonias
Hb	Hebreus	Sl	Salmos
Is	Isaías	1Sm	1 Samuel
Jd	Judas	2Sm	2 Samuel
Jl	Joel	Tb	Tobias
Jn	Jonas	Tg	Tiago
Jó	Jó	1Tm	1 Timóteo
Jo	João	2Tm	2 Timóteo
1Jo	1 João	1Ts	1 Tessalonicenses
2Jo	2 João	2Ts	2 Tessalonicenses
3Jo	3 João	Tt	Tito
		Zc	Zacarias

SUMÁRIO

Gn	Gênesis	13
Ex	Êxodo	127
Lv	Levítico	217
Nm	Números.....	285
Dt	Deuteronômio	379

GÊNESIS

INTRODUÇÃO

O primeiro livro do cânon da Bíblia Hebraica é um convite a se aventurar no limiar das fronteiras dos inícios absolutos e arquétipos do universo, do céu, da terra, da biodiversidade, da flora, da fauna, dos recursos hídricos, do tempo, do espaço, da humanidade, da família, do mal e da maldade, dos conflitos familiares, das profissões, da linguagem, da técnica, do culto, da oração, do ato de fé, da diversidade de línguas, do nascimento de nações e povos, colocando em evidência a origem e as particularidades da história do povo hebreu, com quem Deus faz uma aliança particular a fim de que, por eles, todas as famílias da terra fossem abençoadas.

A tradição judaica, em geral, atribui como título dos livros sagrados a primeira palavra de abertura, portanto, o primeiro livro do cânon hebraico é conhecido pela tradição judaica como *b^ore'shit*. A tradição grega, seguida pela tradição latina Vulgata, entretanto, dá o nome deste primeiro livro usando a expressão que se encontra em Gn 2,4a “O livro das gerações”. De fato, essa locução aparece onze vezes, seja na introdução das listas genealógicas (Gn 5,1; 10,1; 11,10; 25,12; 36,1.9), seja em uma importante sequência narrativa (Gn 2,4; 6,9; 11,27; 25,19; 37,2) do livro do Gênesis, em torno das quais se articulam os episódios dos diversos ciclos ancestrais recolhidos no livro. Sendo assim, a fórmula hebraica *tôledôt*, nesta tradução apresentada como “estas são as gerações...”, estrutura e organiza o material narrativo de todo o livro do Gênesis.

AUTOR, DATA E DESTINATÁRIO

Há séculos os estudos bíblicos se distanciam da hipótese tradicional segundo a qual os primeiros cinco livros do cânon da Bíblia Hebraica teriam como autor o próprio Moisés: “Moisés recebeu a Torá no Sinai, ele a comunicou a Josué, Josué comunicou aos anciãos, os anciãos aos profetas, e os profetas transmitiram aos homens da grande assembleia” (*Mishnah*, ordem *Neziqin*, tratado *Abot* 1,1). Embora haja poucas respostas e muitas especulações quanto à data, à autoria, ao lugar de redação e aos

destinatários do livro do Gênesis, há ao menos consenso quanto à hipótese de que o texto final seja resultado de um processo pluriforme e muito elaborado, cujas concatenações, articulações, etapas e processos redacionais, em grande parte, ainda não são acessíveis.

A hipótese mais plausível, portanto, parece ser a que postula a existência de relatos, tradições isoladas e fragmentadas, integradas e editadas ao longo dos séculos, reunidas e reelaboradas durante o período do exílio e do pós-exílio da dominação babilônica e persa (a partir de 590 a.C.), bem como durante o helenismo, através de intervenções redacionais de origem sacerdotal ou pós-sacerdotal.

É possível que, ao serem colocados por escrito, os diversos relatos tivessem origem e destinatários diversos, levando em consideração que algumas tradições foram registradas por escrito durante o período do exílio e juntadas no período do pós-exílio: de um lado, os leitores ideais eram os exilados que viviam na Babilônia; do outro, os leitores ideais eram o povo da terra, isto é, aqueles que permaneceram na terra de Israel e que buscaram se reorganizar na Jerusalém destruída pela fúria dos exércitos babilônicos, bem como aqueles que sobraram nas regiões limítrofes ao antigo reino de Judá, como é possível supor a partir dos dúplices relatos da criação (Gn 1,1-2,3; 2,4-3,24), do tríptico relato da esposa-irmã (Gn 12,10-20; 20,1-18; 26,1-11), das duas alianças com Abraão (Gn 15 e 17) e das duas expulsões de Agar (Gn 16 e 21), provavelmente provenientes de tradições diferentes, mas colocadas juntas no processo de redação, em vez de serem excluídas.

ESTRUTURA

O livro do Gênesis compreende duas partes. A primeira aborda a história das origens em geral (Gn 1,1-11,26), enquanto a segunda aborda a história da origem do antigo Israel (Gn 11,27-50,26).

Em referência à primeira parte do livro do Gênesis (Gn 1,1-11,26), que relata as origens do universo e da humanidade, do ponto de vista de sua economia narrativa, percebe-se a seguinte estrutura:

1,1–11,26 ORIGEM DO UNIVERSO E DA HUMANIDADE

- 1,1–2,3 *Primeiro relato da criação*
- 2,4–25 *Segundo relato da criação*
- 3,1–24 *Relato do jardim*
- 4,1–16 *História de Caim e Abel*
- 4,17–24 *Descendência de Caim*
- 4,25–26 *Descendência do humano*
- 5,1–32 *Livro das gerações*
- 6,1–4 *Filhos de Deus e filhas dos homens*
- 6,5–8 *Maldade humana*
- 6,9–10 *Geração de Noé*
- 6,11–22 *Arca de Noé*
- 7,1–24 *Início do dilúvio*
- 8,1–22 *Fim do dilúvio*
- 9,1–17 *Aliança com Noé*
- 9,18–19 *Embriaguez de Noé*
- 10,1–32 *Nações descendentes de Noé*
- 11,1–10 *Babel*
- 11,11–26 *Gerações de Sem*

A segunda parte do livro do Gênesis se divide em três seções ou ciclos: ciclo de Abraão e Sara (Gn 11,27–25,18); ciclo de Isaac e Rebeca (Gn 25,19–36,43); e ciclo de Jacó e sua família (Gn 37,1–50,26). Se, na perspectiva da literatura universal, um ciclo começa com o nascimento do herói e conclui-se com sua morte, as narrativas do livro do Gênesis não obedecem a essa lógica, visto que o herói, ou melhor, o eleito para receber a bênção ancestral e herdar a aliança, não morre, mas continua a viver em seus descendentes.

A delimitação dos ciclos ancestrais do livro do Gênesis é uma questão aberta, em razão da dificuldade de estabelecer o início e o fim de cada ciclo. De fato, o leitor tem a sensação de que o “ciclo de Jacó e seus familiares”, por exemplo, fora inserido no ciclo de Isaac e Rebeca, pois, antes mesmo da morte de Isaac, diversos episódios colocam em foco as experiências de Jacó e suas peripécias durante a viagem de “fuga da casa familiar”, refúgio na casa de seu tio Labão, o duplo casamento e o retorno à casa paterna, sendo que nesse entretanto o patriarca se torna pai de dez dos doze epônimos da tribo de Israel (Gn 25,19–34,46).

Essa mesma sensação é experimentada pelo leitor quanto à história de José (Gn 37,5–36; 39,1–45,28; 46,13–26; 50,22–26), que

ocupa grande espaço no ciclo de Jacó; por isso, nesta tradução, essa macroseção textual recebeu o título de “ciclo de Jacó e família” (Gn 37,1–50,26), pois, em nível narrativo, tanto a história de José quanto o episódio de Judá e Tamar (Gn 38) integram o ciclo de Jacó.

Orientando-se pelo texto, portanto, delimitou-se o início dos ciclos de Abraão e Sara, de Isaac e Rebeca e de Jacó e família a partir da fórmula indicativa: “Estas são as gerações de...” (Gn 11,16; 25,19; 37,2). Nota-se, todavia, que a fórmula: “Estas são as gerações de...”, na verdade, introduz a vida do filho ou dos filhos, com enfoque particular no destino do filho eleito.

O enredo do ciclo de Abraão e Sara é organizado em episódios com começo, meio e fim bem delimitados. O material textual desse ciclo pode ser organizado na seguinte estrutura:

11,27–25,18 CICLO DE ABRAÃO E SARA

- 11,27–32 *Geração de Taré*
- 12,1–9 *Eleição divina e resposta humana*
- 12,10–20 *Abraão e Sara no Egito*
- 13,1–18 *Conflito, negociação e separação*
- 14,1–16 *Guerra, resgate e bênção*
- 14,17–24 *Bênção de Melquisedec a Abraão*
- 15,1–21 *Abraão sem herdeiro*
- 16,1–26 *Nascimento de Ismael*
- 17,1–27 *Herdeiro de Sara*
- 18,1–16 *Abraão e seus hóspedes*
- 18,17–33 *Justiça do Senhor*
- 19,1–29 *Ló e seus hóspedes*
- 19,30–38 *Origem de Moab e Amon*
- 20,1–18 *Abraão e Sara em Gerara*
- 21,1–21 *Nascimento de Isaac*
- 21,22–35 *Aliança em Bersabeia*
- 22,1–19 *Amarração de Isaac*
- 22,20–24 *Nascimento de Rebeca*
- 23,1–30 *Morte e sepultamento de Sara*
- 24,1–67 *Casamento de Isaac e Rebeca*
- 25,1–6 *Casamento de Abraão e Cetura*
- 25,7–11 *Morte e sepultamento de Abraão*
- 25,12–18 *Gerações de Ismael*

A denominação “ciclo de Isaac”, em geral, é colocada em questão, em razão do limitado espaço que a narrativa oferece ao patriarca, reduzido a poucas cenas que, na maioria das vezes, são episódios paralelos aos vividos por Abraão, por exemplo: o episódio da “esposa-irmã” (Gn 12,10-20; 20,1-18; 26,1-11); as contendas referentes às propriedades de poço (Gn 21,22-26; 26,15-25); ou à aliança feita com Abimelec, rei de Gerara (Gn 21,27-32; 26,26-33). Ademais, grande parte dessa seção textual se detém nos conflitos e nos destinos dos filhos do casal Isaac e Rebeca (Gn 25,19–34,46). Esta tradução optou pelo título “ciclo de Isaac e Rebeca” para a referida seção textual (Gn 25,19–34,46) por compreender que a sequência canônica do texto propõe o casal Isaac e Rebeca como sucessor de Abraão e Sara. Os relatos presentes nessa seção do livro do Gênesis se encontram dispostos na seguinte estrutura:

25,19–36,43 CICLO DE ISAAC E REBECA

- 25,19-26 *Gerações de Isaac*
- 25,27-43 *Desprezo de Esaú pela primogenitura*
 - 26,1-11 *Isaac e Rebeca em Gerara*
 - 26,12-25 *Contenda entre pastores*
 - 26,26-33 *Isaac e Abimelec: aliança em Bersabeia*
 - 26,34-35 *Casamento de Esaú com Judite e Basemat*
 - 27,1-45 *Bênção de Jacó*
- 27,46–28,5 *Despedida de Jacó*
 - 28,6-9 *Casamento de Esaú com Maelet*
 - 28,10-22 *Sonho de Jacó em Betel*
 - 29,1-12 *Encontro entre Jacó e Raquel*
 - 29,13-19 *Chegada de Jacó à casa de Labão*
 - 29,20-30 *Casamento de Jacó com Lia e Raquel*
- 29,31–30,24 *Filhos de Lia e Raquel para Jacó*
 - 30,25-42 *Trato entre Jacó e Labão*
 - 31,1-21 *Fuga de Jacó e sua família*
 - 31,22-42 *Proteção divina a Jacó contra Labão*
- 31,43–32,1 *Jacó e Labão: aliança em Galed e Mispá*
 - 32,2-22 *Retorno de Jacó à terra de Canaã*
 - 32,23-33 *Luta de Jacó em Penuel*
 - 33,1-17 *Encontro de Jacó e Esaú*
 - 33,18-20 *Jacó em Siquém*
 - 34,1-31 *Opressão, rapto e resgate de Dina*

- 35,1-15 *De Siquém a Betel*
- 35,16-20 *Morte e sepultamento de Raquel*
- 35,21-22a *Incesto de Rúben*
- 35,22b-26 *Filhos de Jacó segundo suas mães*
- 35,27-29 *Morte e sepultamento de Isaac*
- 36,1-8 *Gerações de Esaú na terra de Canaã*
- 36,9-14 *Gerações de Esaú no monte Seir*
- 36,15-19 *Chefes de Edom (I)*
- 36,20-28 *Descendentes de Seir*
- 36,29-30 *Chefes dos horitas*
- 36,31-39 *Reis de Edom*
- 36,40-43 *Chefes de Edom (II)*

A última etapa do percurso narrativo do livro do Gênesis é o ciclo de Jacó e família, o qual, em grande parte, se dedica à história de José. Nesse ciclo, graves conflitos entre os irmãos geram uma profunda crise no núcleo eleito e originário do futuro Israel. A reunificação da família terá como contexto um prolongado período de seca que expõe a família de Jacó/Israel à morte. A busca pela sobrevivência leva os filhos de Israel ao Egito a fim de adquirirem insumos alimentares, o que resulta em um desfecho inesperado de encontro, perdão e reconciliação entre os filhos de Jacó e José, que se tornou administrador de todo o Egito. A autoridade de José favorecerá a entrada de seus familiares como imigrantes no Egito, elemento central para a continuidade da narrativa no livro do Êxodo. A totalidade desse ciclo, cuja história de José é parte constituinte, pode ser estruturada da seguinte forma:

37,1-50,26 CICLO DE JACÓ E FAMÍLIA

- 37,1-4 *Gerações de Jacó em Canaã*
- 37,5-17 *Sonho de José*
- 37,18-36 *Venda de José por seus irmãos*
- 38,1-30 *Judá e Tamar*
- 39,1-23 *José e a mulher de Potifar*
- 40,1-23 *José, intérprete de sonhos*
- 41,1-40 *José, o mais sábio do Egito*
- 41,41-57 *José, administrador do Egito*
- 42,1-38 *Descida dos filhos de Israel ao Egito*
- 43,1-16 *Segunda viagem ao Egito*

- 43,17-34 *Reencontro de José com Benjamim*
- 44,1-17 *Cálice de José na sacola de Benjamim*
- 44,18-34 *Autoentrega de Judá por Benjamim*
- 45,1-15 *Perdão de José a seus irmãos*
- 45,16-26 *Reconciliação de José com seus irmãos*
- 46,1-7 *Descida da casa de Israel ao Egito*
- 46,8-27 *Geração de Jacó imigrante no Egito*
- 46,28-34 *Encontro de Israel com José*
- 47,1-12 *A casa de Israel na casa do faraó*
- 47,13-26 *Administração de José*
- 47,27-31 *Últimos desejos de Israel*
- 48,1-22 *Bênção de Israel aos filhos de José*
- 49,1-28 *Bênção de Israel a seus doze filhos*
- 49,29-33 *Morte de Jacó*
- 50,1-21 *Funeral e sepultamento de Jacó*
- 50,22-26 *Últimos desejos e morte de José*

Dois eventos mantêm o leitor em suspense e expectativa, prendendo sua atenção até o desfecho no livro de Josué, que são: o cumprimento da promessa do dom da terra de Canaã aos descendentes de Israel e o sepultamento de José, que ocorrerá apenas no final do livro de Josué (Js 24,32). Ademais, os últimos capítulos do livro do Gênesis estabelecem uma sequência com o livro do Êxodo, cuja narrativa explica como essa família de imigrantes hebreus multiplicou-se, passou pela escravidão e tornou-se um grande povo, o povo da aliança eleito por Deus.

PRINCIPAIS TEMAS

O leitor do livro do Gênesis dialoga com uma mentalidade e uma cultura milenar, perpetuada em forma escrita, cuja finalidade específica não tem a intenção de fazer um registro científico ou arquivo histórico sobre a origem do universo e a evolução das espécies no contexto geográfico do antigo Oriente Próximo. O livro do Gênesis propõe as bases e os fundamentos necessários dos aspectos culturais, sociais, religiosos, ideológicos e teológicos sobre o nascimento e a origem do povo de Israel, bem como apresenta, pela arte e pela sensibilidade da narrativa hebraica, Deus como origem e princípio de toda a existência.

A solene abertura do cânon bíblico introduz os dois protagonistas de toda a Escritura: Deus, origem de tudo o que existe, e o

humano, macho e fêmea, plasmado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27), e animado pelo respiro divino (Gn 2,7). A narrativa parte, portanto, do universal ao particular, sendo que os dois relatos da criação (Gn 1,1-2,3; 2,4-25), juntamente com todo o material reunido nos onze primeiros capítulos do livro do Gênesis, servem também de prólogo às narrativas ancestrais dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel.

Nessa perspectiva, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó (Gn 26,24; 28,13; 31,42.53; Ex 3,6.15.16; 4,5) não se limita a ser um Deus pessoal, familiar, territorial ou tribal; ao contrário, ele é o criador de todo o universo e de tudo o que existe. Deus se revela no livro do Gênesis como origem de todo o universo, é o Deus uno, único e soberano, a quem todo criado está sujeito e a quem os povos da terra devem conhecer e servir fielmente mediante uma aliança, temática muito cara ao livro do Gênesis.

Em síntese, os principais temas do livro do Genesis são: a unicidade e soberania do Deus criador de todas as coisas e de todos os seres; a dignidade do humano, macho e fêmea, criado à imagem e semelhança de Deus; as alianças ancestrais com Noé, com Abraão, com Isaac e com Jacó; as promessas de descendência, bênção e terra; a fé como resposta ideal do eleito a Deus; a identidade de imigrante de todos os patriarcas e matriarcas do antigo Israel; a esterilidade humana; a revelação de Deus como aquele que fala e faz, para quem nada é impossível, um Deus que não está atrelado a uma terra, mas que caminha com seu eleito, indicando o caminho.

INTERTEXTUALIDADE COM O NOVO TESTAMENTO

São numerosas as passagens do Novo Testamento nas quais é possível identificar algum tipo de presença de textos do livro do Gênesis. Sem entrar em detalhes quanto ao tipo de presença, relação ou grau de intertextualidade, apresentam-se algumas evidências, como a alusão à identidade davídica de Jesus, no Evangelho segundo Mateus, ascendendo a Abraão (Mt 7,1-17), e no Evangelho segundo Lucas, ascendendo a Adão (Lc 3,2-23). O Evangelho segundo João (Jo 4,5.6.12) fará alusão ao território comprado por Jacó em Siquém e dado em herança a seu filho José (Gn 33,19; 48,22).

Com relação à figura dos patriarcas, o Novo Testamento dedica atenção especial a Abraão, que aparece setenta e três vezes, enquanto Isaac aparece vinte e três e Jacó vinte e cinco vezes. José aparece cerca de oito vezes no Novo Testamento.

O quarto capítulo da carta aos Romanos insiste na justificação pela fé e não pelas obras da lei com base no exemplo de Abraão, a quem foi creditado o prêmio da justiça (Gn 15,6), antes mesmo do sinal da circuncisão na carne (Rm 4,1-3.9-22). Essa mesma carta também reflete a temática da supremacia da eleição de Israel sobre os demais povos (Rm 9,4-13), baseando-se na descendência nascida para os pais em virtude da promessa, aludindo a Isaac e Jacó, e não por critérios humanos, acenando aos primogênitos Ismael e Esaú.

Entre tantos outros lugares em que o Novo Testamento faz referência à figura do patriarca Jacó, Rm 9,1-18 é digno de nota, por abordar a temática da eleição gratuita de Deus por Israel, recordando a imagem da eleição de Isaac em detrimento de Ismael (Rm 9,6-9) e de Jacó em detrimento de Esaú (Rm 9,10-13).

Na carta aos Gálatas, Paulo insiste sobre a precedência da promessa feita por Deus a Abraão em relação à lei dada no Sinai a Moisés, bem como sobre a universalidade e primazia da bênção de Abraão, que alcança todos os pagãos mediante a fé (Gl 3,6-18.29). Ainda na carta aos Gálatas (Gl 4,22-5,1), Isaac e Ismael são caracterizados, respectivamente, como filhos da mulher livre, isto é, Sara, e como filho da escrava, isto é, Agar, sugerindo que os nascidos mediante o batismo, pela fé em Cristo, são herdeiros como o filho da mulher livre.

No livro dos Atos dos Apóstolos, Estêvão apresenta um breve excurso da vida dos patriarcas até José (At 7,2-16). A carta aos Hebreus também faz uma retrospectiva do caminho e da resposta de fé dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel (Hb 11,8-12.20-22). Ademais, essa mesma carta estabelece um paralelo de semelhança e continuidade entre o sacerdócio de Melquisedec (Gn 14,18-20) e o sacerdócio de Cristo (Hb 7,1-8), em contraposição ao sacerdócio levítico. O episódio da prova de Abraão e o da amarração de Isaac (Gn 22,1-19) também são recordados e interpretados (Hb 11,17-19; Tg 2,21).

Por fim, a especulação patrística fomentou e identificou diversas analogias entre a figura de José e Jesus. Tanto José quanto

Jesus foram vendidos por seus irmãos por moedas de prata (Gn 37,28; Mt 26,15–27,3.9); tanto a roupa de José quanto a de Jesus são descritas com particularidades (Gn 37,3.23.31-33; Jo 19,23), das quais ambos foram despidos (Gn 37,23; Mt 27,35; Mc 15,24; Lc 23,34; Jo 19,23). José começou sua ascensão social apresentando-se ao faraó na idade de trinta anos (Gn 41,46), mesma idade em que Jesus inaugura sua vida pública (Lc 3,23). Diante de José, assim como ao nome de Jesus, dobram-se todos os joelhos (Gn 41,42; Is 45,23; Rm 14,11; Fl 2,10). Tanto José quanto Jesus eram filhos amados pelo pai, e esse amor despertou o ciúme dos irmãos (Gn 37,3-4; Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22; Ef 1,6; Cl 1,13; 2Pd 1,17) e os expôs à morte (Gn 37,4.8.11.20; Mt 2,13; Jo 1,11; 15,18.23.24.25).

Esse conjunto de semelhanças estimulou muitos estudos e comparações da figura de Jesus não apenas com José, mas também com Adão. Não raramente Jesus é apresentado como o novo Adão (1Cor 15,22.45; Rm 5,14-15).

CONCLUSÃO

O livro do Gênesis é um convite a compartilhar da experiência de fé de famílias transmigrantes, é um convite a empreender o caminho dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel, deixando-se guiar por Deus, na certeza de que ele jamais abandona aqueles que ele escolhe. Deus fala e faz; sua palavra tem poder criador e restaurador, pois deriva de alguém para quem nada é impossível (Gn 1,1–2,4; 18,1-16; 21,1-7).

São numerosas as temáticas abordadas pelo livro, e uma das vantagens desta nova tradução são suas notas explicativas, que ajudam o leitor a se apropriar mais intensamente das riquezas que o livro do Gênesis proporciona, tanto como Livro Sagrado quanto como obra literária, artisticamente elaborada para transmitir toda a beleza milenar da arte narrativa hebraica.

Resta ainda agradecer os estudos de diversos pesquisadores que colaboraram para fundamentar a tradução e o comentário do livro do Gênesis: WÉNIN, A. (ed.). *Studies in the Book of Genesis: literature, redaction and history*, vol. 155. Louven: Peeters Publishers, 2001; ————. *O homem bíblico: leituras do Primeiro Testamento*. São Paulo: Loyola, 2006; ————. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano*. São Paulo: Loyola, 2011; GIUNTOLI, F. *Genesis 1-11: introduzione, traduzione e commento*. Milano: San Paolo, 2013;

———. *Genesis 12-50: introduzione, traduzione e commento*. Milano: San Paolo, 2013; WESTERMAN, C. *O livro do Gênesis: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal-Est, 2013; WALTKE, B. K. *Gênesis*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2010; VOGELS, W. *Abraão e sua lenda: Gn 12,1-25,11*. São Paulo: Loyola, 2000. Certamente, tantos outros estudos e ferramentas colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, a fim de proporcionar ao leitor o acesso à Palavra de Deus e a uma reta interpretação teológica.

ORIGEM DO UNIVERSO E DA HUMANIDADE

Primeiro relato da criação

1 ¹No início Deus criou o céu e a terra. ²A terra era amorfa e vazia; havia trevas na superfície do abismo, e o espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas. ³E Deus disse: “Que haja luz!” E houve luz. ⁴Deus viu que a luz era boa. E Deus fez a separação entre a luz e as tre-

1,1-2,3 A primeira palavra do livro, “princípio” (*b^o rē’shit* em hebraico, *arché* em grego, *principium* em latim), é um convite a ultrapassar as fronteiras do princípio absoluto e arquetípico: a origem do céu, da terra, do tempo, da humanidade, da transgressão, do trabalho, do culto, da violência, da oração, da pedagogia divina, da eleição de Israel. No princípio, o primeiro sujeito da ação é Deus, que cria o céu e a terra (v. 1), merisma que exprime a totalidade do universo. Na Bíblia, a ação de criar é prerrogativa exclusiva e performativa de Deus, que fala e faz (v. 3). O mundo criado por Deus é perfeito e fértil; nele tudo é bom (vv. 4.10.12.18.21.25.31), não há lugar para o mal e a dor. O versículo 2 expõe as circunstâncias da iniciativa do ato criador: a inexistência de formas e o vazio primordial (Jr 4,2; Is 45,18). Oito obras são criadas em seis dias, sendo que no terceiro (vv. 9-13) e no sexto (vv. 24-31) são criadas duas obras em cada dia. O primeiro elemento evocado por Deus é a luz (v. 3), a partir da qual a passagem do tempo é indicada pela alternância dos dias (vv. 5.8.13.18.23.31). O quarto dia é dedicado à formação dos corpos celestes: o sol, a lua e as estrelas (vv. 14-19); o narrador não pronuncia seus nomes, possivelmente por serem considerados divindades nos mitos da antiga Babilônia e demais culturas vizinhas. Ademais, esses luzeiros, além da função de iluminar a terra (v. 5), demarcando o ritmo do tempo e das estações, servem igualmente para indicar as festas litúrgicas, segundo o calendário lunar. A bênção divina se torna um elemento de unidade no livro do Gênesis: Deus abençoa os animais (v. 22); o ser humano (v. 28; Gn 5,2) e o sétimo dia, o sábado, dia do repouso de Deus (Gn 2,3); Deus abençoará igualmente Noé (Gn 9,1), Abraão (Gn 12,2; 22,17; 24,1), Isaac (Gn 25,11; 26,3.12.24), Jacó (Gn 32,30; 35,9; 48,3), Sara (Gn 17,16) e Ismael (Gn 17,20). Nesses casos, a bênção está relacionada à fecundidade (v. 28; Gn 8,17; 9,1.7; 17,20; 28,3; 35,22; 47,27; 48,4), como uma continuidade da ação criadora. A narrativa atinge seu clímax na solene deliberação de Deus: “Façamos o ser humano” (v. 26). No texto hebraico, o verbo “façamos” concorda com o sujeito *Elohim*, literalmente “deuses”; ambos, sujeito e verbo, têm a forma no plural. Ao se traduzir do hebraico para uma língua vernácula, entretanto, embora o sujeito esteja no plural, recomenda-se que seja lido no singular, isto é, “Deus”. Essa forma irregular de concordância, com o sujeito no singular e o verbo no plural, tem ao menos duas explicações: (a) o plural “façamos” deve ser compreendido como um ato deliberativo de Deus à sua corte celeste, conforme uma sensibilidade comum ao antigo Oriente Próximo (Gn 3,22; 6,2.4; 11,7; Dt 10,17; Sl 50,1; 82,1; 89,7; 95,3); (b) o plural “façamos” corresponde ao chamado plural majestático ou plural de modéstia, quando quem escreve ou fala se refere a si mesmo usando a primeira pessoa do plural, no lugar da primeira pessoa do singular. No livro do Gênesis há mais de uma ocorrência dessa forma irregular de concordância ideológica (Gn 3,22; 11,7). Diversamente dos vegetais e animais, criados segundo suas espécies (vv. 11.12.21.24.25), o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus (vv. 26-27; Gn 5,1-3); e investido como único soberano, para governar a natureza (v. 28). O exercício do poder humano, porém, não conhece a morte ou o derramamento de sangue, pois o regime alimentar, tanto do ser humano quanto dos animais, segue uma dieta vegetariana (vv. 29-30), o que representa harmonia, paz e tranquilidade entre o ser humano e o criado (Is 11,7; 65,25; Os 2,20).

vas. ⁵ Deus chamou a luz de “dia”; e as trevas chamou de “noite”. Houve uma tarde e uma manhã; primeiro dia.

⁶ Deus disse: “Que haja um firmamento no meio das águas, e que haja uma separação entre águas e águas!” ⁷ E Deus fez o firmamento, fez também a separação entre as águas que estão debaixo do firmamento e as águas que estão acima do firmamento. E assim foi. ⁸ Deus chamou o firmamento de “céu”. Houve uma tarde e uma manhã; segundo dia.

⁹ Deus disse: “Reúnam-se em um único lugar as águas que estão debaixo do céu! Que apareça a parte seca!” E assim foi. ¹⁰ Deus chamou a parte seca de “terra”; e o reservatório de águas chamou de “mar”. E Deus viu que era bom. ¹¹ Deus disse: “Que a terra faça germinar relva tenra, planta produtora de semente, árvore frutífera que dê fruto segundo sua espécie, cuja própria semente esteja nela, sobre a terra!” E assim foi. ¹² A terra produziu relva tenra, planta produtora de semente, segundo sua espécie e árvore frutífera, cuja própria semente estava nela, segundo sua espécie. E Deus viu que era bom. ¹³ Houve uma tarde e uma manhã; terceiro dia.

¹⁴ Deus disse: “Que haja luzeiros no firmamento do céu para fazer a separação entre o dia e a noite! Que sejam sinais tanto para as estações, quanto para os dias e os anos! ¹⁵ Que os luzeiros no céu sejam para iluminar a terra!” E assim foi. ¹⁶ Deus fez os dois luzeiros grandes, o luzeiro maior para reger o dia e o luzeiro menor para reger a noite, e as estrelas. ¹⁷ Deus os estabeleceu no firmamento do céu para iluminar a terra, ¹⁸ para reger tanto o dia quanto a noite e para fazer a separação entre a luz e as trevas. E Deus viu que era bom. ¹⁹ Houve uma tarde e uma manhã; quarto dia.

²⁰ Deus disse: “Que as águas ferverhem um fervilhamento de seres vivos; que aves voem acima da terra, sobre a superfície do firmamento do céu!” ²¹ Deus criou os grandes répteis e cada ser vivo rastejante segundo suas espécies, sendo que as águas ferverham; e todas as aves aladas segundo suas espécies. E Deus viu que era bom. ²² Deus os abençoou dizendo: “Frutificai e multiplicai-vos! Enchei as águas do mar! Que as aves se multipliquem na terra!” ²³ Houve uma tarde e uma manhã; quinto dia.

Em geral, as narrativas cosmogônicas do antigo Oriente Próximo apresentam uma conclusão semelhante: o deus criador ordena a construção de um templo no qual possa ser venerado como soberano do universo. No Gênesis, porém, o Deus bíblico não constrói, nem ordena que se construa um templo, mas se reserva um tempo santo, isto é, o sábado (v. 2). O templo será construído posteriormente, quando Deus solicitará a Moisés construir um santuário móvel no deserto (Ex 24–31; 35–40). A conclusão da “obra” (Gn 2,2) no sétimo dia, portanto, sugere uma prolepse com a “obra” da tenda do santuário (Ex 40,33), propondo que a obra da criação estará totalmente pronta quando, segundo a mentalidade mitológica da antiga Babilônia, Deus nela puder repousar.

24 Deus disse: “Que a terra produza cada ser vivo segundo sua espécie! Animal doméstico, réptil e animais selvagens da terra, segundo sua espécie!” E assim foi. **25** Deus fez cada animal selvagem da terra, segundo sua espécie; cada animal doméstico, segundo sua espécie; e cada réptil do solo, segundo sua espécie. E Deus viu que era bom.

26 Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme nossa semelhança! Que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre todos os animais domésticos acima da terra, bem como sobre todo réptil que rasteja sobre a terra!” **27** E Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. **28** Deus os abençoou e Deus lhes disse: “Frutificai e multiplicai-vos! Enchei a terra e sujeitai-a! Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo ser que rasteja sobre a terra!”

29 Deus disse: “Eis que vos dei toda planta que dissemina semente, sendo que está na superfície de toda a terra, e toda árvore cujo próprio fruto dissemina semente, para que vos seja alimento. **30** A todo animal selvagem da terra e a toda ave do céu, e a tudo que rasteja sobre a terra, onde houver um ser vivo, toda erva verde lhe será para alimento!” E assim foi. **31** Deus viu tudo que fizera; e eis que era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã; sexto dia. **2** **1** Assim foram concluídos o céu, a terra e todos os seus exércitos. **2** No sétimo dia, Deus concluiu sua obra que fizera; e no sétimo dia descansou de toda a obra que fizera. **3** Deus abençoou o sétimo dia e o santificou. De fato, nele Deus descansou de fazer toda a sua obra que criara.

Segundo relato da criação

4 Essas foram as gerações do céu e da terra, quando foram criadas. No dia em que o SENHOR Deus fez terra e céu, **5** antes que houvesse na terra qualquer arbusto do campo, antes que brotasse qualquer planta

2,4-25 O segundo relato dá primazia à criação do homem e da mulher. O momento inicial registra a falta de vegetação, que parece estar relacionada a outras duas faltas, isto é, de chuva para regar as plantas e do ser humano para cultivar o solo (vv. 4-6). O ambiente semântico, portanto, pertence ao domínio agrícola: o campo, a chuva e o ser humano que trabalha a terra. A sequência revela como Deus supre tais faltas, a começar pelas duas últimas (vv. 7-22). Primeiro, Deus plasma o ser humano do pó do solo (v. 7); em seguida, Deus planta um jardim para o ser humano e garante seu alimento, fazendo brotar árvores frutíferas (vv. 8-9). O Éden também tem provisão de água, dado que ali se encontra a nascente de quatro rios (vv. 10-14). Já não se está mais na presença do Deus transcendente que cria em sete dias e apenas falando (Gn 1,1-31), mas do Deus que suja as mãos com o pó da terra (vv. 7a-19), que respira (v. 7b) e que planta, como um agricultor, um jardineiro, um oleiro (vv. 8-9). Deus age como um cirurgião, anestesiando, abrindo uma ferida e fazendo uma intervenção no corpo sedado, para fechar a lesão provocada (v. 21). Desde sua origem o ser humano está intimamente relacionado à terra, pois em hebraico “ser humano” (*adam*, v. 7) deriva de “solo”, “barro”, “pó da terra” (*adama*, v. 7), tendo como profissão cultivá-la (vv. 5,15; Gn 3,17) e como destino, na morte, a ela retornar (Gn 3,19).

do campo, porque o SENHOR Deus não havia feito chover sobre a terra, e não existia o ser humano para trabalhar a terra; ⁶ um manancial, todavia, subia da terra e irrigava toda a superfície do solo.

⁷ O SENHOR Deus plasmou o ser humano do pó do solo, soprou em suas narinas um fôlego de vida, e o ser humano se tornou um ser vivo.

⁸ O SENHOR Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e pôs ali o ser humano que plasmara. ⁹ O SENHOR Deus fez germinar do solo cada árvore desejável pela aparência e boa para alimentação. No meio do jardim havia a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

¹⁰ Do Éden saía um rio para irrigar o jardim. Dali se separava e se tornava quatro braços. ¹¹ O nome do primeiro era Fison, o qual circundava toda a terra de Hévila, ali onde havia ouro. ¹² De fato, o ouro dessa terra era bom. Ali havia o bdélio e a pedra de ônix. ¹³ O nome do segundo rio era Geon, o qual circundava toda a terra de Cuch. ¹⁴ O nome do terceiro era Tigre, o qual seguia pelo oriente da Assíria. O quarto rio era o Eufrates.

¹⁵ O SENHOR Deus tomou o ser humano e o colocou no jardim do Éden para o trabalhar e o guardar. ¹⁶ O SENHOR Deus ordenou ao ser humano: “De qualquer árvore do jardim, certamente, comerás. ¹⁷ Da árvore do conhecimento do bem e do mal, porém, dela não comerás! Porque, no dia em que dela comeres, certamente, morrerás!”

¹⁸ O SENHOR Deus disse: “Não é bom que o ser humano esteja só. Farei para ele um auxílio que lhe corresponda!” ¹⁹ O SENHOR Deus plasmou do solo cada animal selvagem do campo e cada ave do céu e os trouxe ao ser humano para ver como os chamaria. E cada ser vivo,

A imagem do “pó da terra” como matéria-prima para a criação do ser humano (v. 7a) é recorrente na Bíblia (Gn 3,19; 18,27; Jó 10,9; 34,15; Sl 103,14; 104,29; Eclo 33,10). Referindo-se ao ato de Deus ao criar o ser humano, a narrativa recorre ao verbo “plasmar”, “modelar”, usado tanto para descrever o oleiro e sua atividade (1Cr 4,23; Sl 2,9; Is 29,16; 30,1; Jr 18,2-6; 19,1,11; Lm 4,2) quanto para ilustrar a ação criadora de Deus, que plasma o coração humano (Sl 33,15), seus olhos (Sl 94,9), toda a terra (Sl 95,5; Is 45,8; Jr 33,2), as montanhas (Am 4,13), os dias (Sl 139,16) e o próprio Israel (Is 43,1.21; 44,2.21.24). Em um território árido como a Palestina, a imagem do “jardim no Éden” (vv. 8.10; Ez 28,13) e do “jardim do Éden” (Gn 2,15; 3,23.24) é particularmente sugestiva. Entre sua vicejante flora, encontram-se duas árvores que ocupam o meio do jardim: a “árvore da vida” (v. 9; Gn 3,22.24) e a “árvore do conhecimento do bem e do mal” (vv. 9.17). O ser humano é introduzido no Éden para “trabalhar” e “guardar” (v. 15), verbos que aparecem tanto em contexto cultural-litúrgico quanto em observância aos mandamentos (Nm 3,7-8; 8,26; 18,7; Dt 13,5; Js 22,5; Ml 3,14). De tal modo, o texto indica que o comportamento humano, evocado por esses verbos, implica respeito e reverência. Portanto, predar e espoliar a terra e seus recursos corresponde a desprezar o encargo recebido de Deus. A última obra de Deus é a mulher (v. 22), que é feita a partir de um “lado” (em hebraico *tsela*) do ser humano, vocábulo usado para se referir ao lado da arca (Ex 25,12.14), ao lado do tabernáculo (Ex 26,26.27.35), ao lado do altar (Ex 27,7), ao lado da casa (1Rs 6,8). Deus cria a mulher como auxílio ao ser humano (vv. 18.20), que é homem e mulher (em hebraico *ish* e *isha*: v. 23bc), sublinhando a reciprocidade (“auxílio que lhe corresponde” [v. 20b]), a paridade (“osso de ossos; carne de carne” [vv. 23a.24]) e a alteridade com quem se pode interagir (“conduziu ao ser humano” [v. 22]).

conforme o ser humano lhe chamasse, aquele seria seu nome.²⁰ Então o ser humano deu nomes a cada animal doméstico, às aves do céu e a cada animal selvagem do campo. Para o ser humano, porém, não se encontrou um auxílio que lhe correspondesse.

²¹ O SENHOR Deus, então, fez cair uma letargia sobre o ser humano, e ele dormiu. Tomou, pois, um de seus lados e, em seu lugar, fechou com carne.²² Depois o SENHOR Deus construiu, com a parte que tirara do ser humano, uma mulher e a conduziu ao ser humano.²³ Então o ser humano disse:

“Destá vez é osso de meus ossos
e carne de minha carne.
Esta será chamada ‘mulher’
porque esta foi tirada do homem”.

²⁴ Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se juntará à sua mulher, e se tornarão uma só carne.²⁵ Ora, ambos estavam nus, o ser humano e sua mulher, mas não se envergonhavam.

Relato do jardim

3¹ A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens do campo que o SENHOR Deus fizera. Disse, pois, à mulher: “É certo que Deus disse: ‘Não comais de nenhuma árvore do jardim!’”² A mulher disse

3,1-24 Usando do gênero literário chamado “fábula”, a narrativa reflete as vias de entrada do mal na vida e nas relações humanas. A serpente é caracterizada como o mais “astuto” entre os animais que Deus havia criado (v. 1). A astúcia tem sentido ambivalente, pois é uma qualidade dos sábios (Pr 12,16.23; 13,16; 14,8.15), mas também a conduta do malvado (Jó 5,12; 15,5). Com astúcia, a serpente deturpa o mandamento de Deus (v. 1; Gn 2,16-17) e induz a mulher ao erro (vv. 2-4). No antigo Oriente Próximo e no Egito, a serpente era associada à longevidade, regeneração, fertilidade e poder. Os faraós levavam em seu diadema a imagem da serpente pronta para atacar, como símbolo da invencibilidade e soberania. É possível que a serpente simbolize igualmente a sedução que a sabedoria, o conhecimento e o poder dessas culturas exerciam sobre o antigo Israel. A mulher e o homem são atraídos pelo sensorial, pelo apetite e pelo desejo (v. 6). O efeito da transgressão foi, como disse a serpente (vv. 4-5), a abertura dos olhos (vv. 5,7) e o tornar-se como deuses (vv. 5,22). As consequências, porém, foram a vergonha (v. 7) e a perda da intimidade com Deus (vv. 8-13). Nessas condições o ser humano não pode habitar o Éden (vv. 23-24) e perde, ademais, as prerrogativas correlacionadas à vida no jardim (vv. 16-19). A não responsabilidade pelos próprios atos, a acusação e a autojustificação endossaram as consequências do uso da liberdade diante da sedução exterior e do desejo interior (vv. 11-13). O querubim à entrada do jardim para proteger a árvore da vida remete aos querubins na tenda do santuário para proteger a arca da aliança (Ex 25,18-22; 37,7-9; Nm 7,89; 1Rs 8,6-7), bem como no templo de Salomão (1Rs 6,23-35; 7,29.36; 2Cr 3,7-14). Essa frequência de imagens indica o jardim do Éden como santuário primigênio, no qual Deus habita com o ser humano; sendo, portanto, a tenda do santuário uma evocação do Éden (Ex 25,1-31,17; 35,1-40,37), e a promulgação da lei de santidade (Lv 17-26) a via para resgatar as prerrogativas correlacionadas à vida no jardim, ou seja, a intimidade com Deus.

à serpente: “Dos frutos das árvores do jardim podemos comer!” ³ Quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não comais dele, nem toqueis nele para que não morrais!’” ⁴ A serpente disse à mulher: “Certamente não morreréis. ⁵ Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal!”

⁶ A mulher viu que a árvore era boa para comer, porque ela era apetitosa aos olhos. A árvore, também, era desejável para dar entendimento. Tomou, pois, de seu fruto e comeu; também deu a seu marido, que com ela comeu. ⁷ Os olhos de ambos se abriram, e conheceram que eles estavam nus. Coseram, então, folhas de figueira e fizeram cintas para si.

⁸ Quando escutaram a voz do SENHOR Deus, enquanto ele passeava pelo jardim à brisa do dia, o ser humano e sua mulher se esconderam da presença do SENHOR Deus, em meio às árvores do jardim. ⁹ O SENHOR Deus chamou o ser humano e lhe disse: “Onde estás?” ¹⁰ Ele disse: “Escutei tua voz no jardim e temi, porque estava nu; então eu me escondi”. ¹¹ Disse: “Quem te informou que tu estás nu? Porventura comeste daquela árvore, a qual te ordenei que dela não comesses?” ¹² O ser humano disse: “A mulher que me deste, ela me deu da árvore, e comi!” ¹³ O SENHOR Deus disse à mulher: “O que é isso que fizeste?” A mulher disse: “A serpente me iludiu, e comi!” ¹⁴ O SENHOR Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, tu serás maldita dentre todos os animais domésticos e todos os animais selvagens do campo. Rastejarás sobre teu ventre e comerás pó todos os dias de tua vida! ¹⁵ Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a descendência dela, a qual te ferirá a cabeça, e tu tentarás lhe ferir o calcanhar!” ¹⁶ Disse à mulher: “Certamente multiplicarei tua fadiga e tua gravidez. Com dor darás à luz filhos. Teu desejo será dirigido a teu marido, e ele te dominará”. ¹⁷ Disse ao ser humano: “Porque escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore, a qual te ordenei dizendo: ‘Não comerás dela!’, maldito será o solo por tua causa; com fadiga dele comerás todos os dias de tua vida! ¹⁸ Espinho e cardo ele fará crescer para ti, e comerás da plantação do campo. ¹⁹ Comerás o pão com o suor de tua face até voltares ao solo, pois dele foste tirado. Porque tu és pó e ao pó voltarás!”

²⁰ O ser humano chamou o nome de sua mulher de “Eva”, porque era mãe de todo vivente. ²¹ O SENHOR Deus fez túnicas de pele para o ser humano e para sua mulher, e os vestiu. ²² O SENHOR Deus disse: “Eis que o ser humano é como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Que agora não estenda sua mão nem tome também da árvore da vida, que não coma nem viva eternamente!” ²³ O SENHOR Deus o despediu do jardim do Éden para trabalhar o solo, pois dali fora tirado. ²⁴ Após expulsar o ser humano, fez morar, ao oriente do jardim do Éden, querubins que se moviam de um lado a outro com uma espada de chama, para guardar o caminho da árvore da vida.

História de Caim e Abel

4 ¹ O ser humano conheceu sua mulher, Eva; ela concebeu e deu à luz Caim. Disse: “Adquiri um homem do SENHOR”. ² Acrescentou outro, ao dar à luz seu irmão Abel. Ora, Abel era pastor de gado pequeno, e Caim era trabalhador do solo.

³ Aconteceu que, após alguns dias, Caim trouxe uma oferta de frutos do solo para o SENHOR. ⁴ Quanto a Abel, também ele trouxe dos primogênitos de seu gado pequeno e da gordura deste. O SENHOR olhou com agrado para Abel e para a oferta dele. ⁵ Mas não olhou com agrado para Caim e para a oferta dele. Caim se irritou muito, e sua face decaiu.

⁶ O SENHOR disse a Caim: “Por que te irritaste? Por que tua face decaiu? ⁷ Por acaso não fazes o bem para estar elevado? Mas, se não fazes por bem, o pecado está reclinado à porta. O desejo dele será contra ti. Tu, porém,

4,1-16 A fraternidade estreia na história humana com um fratricídio (v. 8). Os irmãos representam duas categorias de existência humana ligadas ao campo: o pastor (v. 2) e o lavrador (v. 2). Caim e Abel são indicados como os primeiros a apresentarem ofertas a Deus, como prolepse do verdadeiro culto de Israel, no qual a oferta de animais deverá ser tirada dentre os primogênitos (Ex 13,2.12.15; 34,19; Lv 27,26; Nm 3,13; 8,17; Dt 12,6), com particular atenção à gordura (Ex 29,13.22.25; Lv 1,8.12; Nm 15,20.21); a oferta vegetal, entretanto, se limita às primícias do fruto do solo (Ex 23,19; 34,26; Lv 2,12.14; 23,10.17.20; Nm 15,20.21; Dt 18,4). A informação de que a oferta do mais jovem agradou a Deus coloca Abel como o primeiro dentre os filhos mais novos, no livro do Gênesis, a alcançar especial atenção ou predileção de Deus (Gn 17,18-21; 25,29-34; 48,13-20). As perguntas de Deus a Caim “Onde está teu irmão Abel?” (v. 9) e “Que fizeste?” (v. 10) evocam as perguntas de Deus ao ser humano e sua mulher (Gn 3,9-13), assim como o impedimento do solo a contribuir com seus produtos (v. 12) recorda o suor e a fadiga com que o ser humano deve trabalhar para cultivar este mesmo solo (Gn 3,17-19). Deus diz a Caim que o sangue de Abel (v. 11) está gritando por Deus (v. 10); a vida, segundo a concepção hebraica, está no sangue, e por isso na regulamentação jurídica posterior se afirmará, no caso dos animais, que o sangue não deve ser comido, mas oferecido a Deus; enquanto vida, o sangue é sagrado (Gn 9,4-5; Lv 17,11.14; Dt 12,23), até mesmo o sangue do homicida. De tal modo, Deus proíbe a vingança capital, pois apenas ele pode dar ou tirar a vida. Nota-se que o discurso de Deus não é dirigido a Caim, mas a toda a humanidade e aos possíveis vingadores da morte de Abel (v. 15). O crime de Caim, porém, não fica impune (vv. 11-14). Na sequência textual, a legislação de Israel estabelecerá leis contra o homicida, o qual será vingado pelo “vingador do sangue” (Nm 35,12.19.21.24.25.27; Dt 19,6.12; Js 20,3.5.9; 2Sm 14,11). A lei de Israel não preverá salvação para quem cometer homicídio premeditado, como Caim (Ex 21,12-4; Nm 35,20-21). Deus escutou o grito de Abel como escutará o grito dos pobres e oprimidos (Ex 22,2; Dt 26,7; 2Sm 22,7; 1Rs 8,28; Ne 9,9.27.28; Jd 4,13; Sl 17,1). Entretanto, Deus preservou a vida de Caim e lhe assegurou especial proteção (v. 15) contra os possíveis inimigos, usando uma típica expressão proverbial composta pelo número sete. Em muitas formulações bíblicas, o número sete não se refere a uma quantidade exata, mas a um significado genérico e não raramente proverbial (Gn 4,24; Lv 26,18.21.24.28; Sl 79,12). Sete é expressão da máxima perfeição (Nm 23,4) e evocação da completude: Deus fez a criação em sete dias, a festa de Pentecostes acontece sete semanas depois da Páscoa, cada sétimo ano é sabático (Lv 25) e depois de sete vezes sete anos vem o Jubileu. O número sete, igualmente, às vezes expressa um sentido simbólico de totalidade (Gn 33,3; Lv 8,11; 14,7.16.27.51; 16,14.19; 25,8; Nm 19,4; Js 6,4.14), bem como hiperbólico de intensidade, por exemplo o versículo 15a, reforçando que a vingança será extremamente cruel.

poderás dominá-lo!”⁸ Caim interpelou seu irmão Abel. Ora, eles estavam no campo, quando Caim se ergueu contra seu irmão Abel e o matou.

⁹ O SENHOR disse a Caim: “Onde está teu irmão Abel?” Disse: “Não sei! Porventura eu sou guarda de meu irmão?”¹⁰ Disse: “Que fizeste? Do solo, a voz do sangue de teu irmão está gritando por mim!”¹¹ Agora, pois, maldito sejas tu desde o solo, o qual escancarou sua boca para tomar por tua mão o sangue de teu irmão.¹² Quando trabalhares o solo, este não dará nenhum acréscimo a teu esforço. Errante e fugitivo serás sobre a terra!”

¹³ Caim disse ao SENHOR: “Minha culpa é grande demais para suportá-la!”¹⁴ Eis que hoje me expulsaste da superfície do solo. De tua presença me esconderei, serei errante e fugitivo sobre a terra. Acontecerá que qualquer um que me encontrar me matará!”

¹⁵ O SENHOR lhe disse: “Entretanto, qualquer um que matar Caim será vingado sete vezes”. O SENHOR pôs um sinal sobre Caim, para que qualquer um que o encontrasse não o ferisse.¹⁶ Caim saiu da presença do SENHOR e residiu na terra de refúgio, ao oriente do Éden.

Descendência de Caim

¹⁷ Caim conheceu sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Henoc. Tornando-se construtor de cidade, chamou o nome da cidade conforme o nome de seu filho Henoc.¹⁸ A Henoc nasceu Irad. Irad gerou Maviael; Maviael gerou Matusael; e Matusael gerou Lamec.

¹⁹ Lamec tomou para si duas mulheres. O nome da primeira era Ada e o nome da segunda era Zilá.²⁰ Ada deu à luz Jabal. Ele foi pai de todos que residem em tenda e que têm gado.²¹ O nome de seu irmão era Jubal. Ele foi pai de todos que tocam cítara e flauta.²² Quanto a Zilá, também ela deu à luz Tubalcaim, afiador de todo instrumento de cobre e ferro; a irmã de Tubalcaim era Naama.

²³ Lamec disse a suas mulheres:

“Ada e Zilá, escutai minha voz;
mulheres de Lamec, ouvi minha promessa,
porque matarei um homem por me ferir,
e uma criança por me machucar!

²⁴ Porque sete vezes Caim é vingado;
Lamec, porém, setenta e sete vezes”.

4.17-24 O livro das gerações apresenta uma genealogia em forma de linhagem, evidenciando a instituição da cultura. Se na primeira parte da proto-história predominava o campo (agricultor e pastor), nesta segunda parte assiste-se ao nascimento da cidade (v. 17), à domesticação de animais maiores (v. 20), ao desenvolvimento das artes, sendo Jubal o primeiro musicista da história (v. 21) e Tubalcaim o primeiro *homo faber* (v. 22) a lidar com a metalurgia. O “Canto de Lamec” (vv. 23-24), em forma poética, retrata a violência da personagem, que paga o mal com o mal na mesma quantidade e intensidade recebida (Ex 21,23-25; Lv 24,17-21; Dt 19,21). O encerramento da genealogia de Caim, com o aumento da violência, expõe um progressivo distanciamento entre a humanidade e Deus.

Descendência do ser humano

25 O ser humano conheceu novamente sua mulher, e ela deu à luz um filho e chamou seu nome de Set: “Porque Deus pôs para mim outro descendente no lugar de Abel, que Caim matara”. **26** E para Set também nasceu um filho; e chamou seu nome de Enós. Neste tempo se começou a chamar o SENHOR pelo nome.

Livro das gerações

5 ¹ Este é o livro das gerações do ser humano. No dia em que Deus criou o ser humano, à semelhança de Deus o fez, ² macho e fêmea os criou e os abençoou. No dia em que foram criados, chamou o nome deles de “ser humano”.

³ O ser humano tinha cento e trinta anos quando gerou à sua semelhança, como sua imagem, e chamou seu nome de Set. ⁴ Após ter gerado Set, os dias do ser humano foram oitocentos anos, e gerou filhos e filhas. ⁵ Todos os dias que o ser humano viveu foram novecentos e trinta anos, depois morreu.

⁶ Set tinha cento e cinco anos quando gerou Enós. ⁷ Após ter gerado Enós, Set viveu oitocentos e sete anos e gerou filhos e filhas. ⁸ Todos os dias de Set foram novecentos e doze anos, depois morreu.

⁹ Enós tinha noventa anos quando gerou Cainã. ¹⁰ Após ter gerado Cainã, Enós viveu oitocentos e quinze anos e gerou filhos e filhas. ¹¹ Todos os dias de Enós foram novecentos e cinco anos, depois morreu.

¹² Cainã tinha setenta anos quando gerou Malaleel. ¹³ Após ter gerado Malaleel, Cainã viveu oitocentos e quarenta anos e gerou filhos e filhas.

¹⁴ Todos os dias de Cainã foram novecentos e dez anos, depois morreu.

4,25-26 O nascimento do terceiro filho de Adão e Eva é um elemento central para reaproximar a humanidade do Criador, pois dessa linhagem procede Noé, o herói do dilúvio (Gn 6-9). Essa pequena unidade textual, dando sequência à origem da cidade, da arte, da metalurgia, acrescenta a origem da religião e do culto ao Senhor (v. 26).

5,1-32 Esta é a única lista genealógica que faz referência a um livro (v. 1). Entretanto, não é raro encontrar referências semelhantes, por exemplo: livro das guerras do Senhor (Nm 21,14), livro dos justos (Js 10,13), livro dos feitos de Salomão (1Rs 14,19; 15,31; 16,5.14.20.27), livro dos anais dos reis de Judá (1Rs 14,29; 15,17.23; 22,46) e livro dos anais de Davi (1Cr 27,24). Desde suas primeiras linhas, a genealogia do ser humano por intermédio de Set confirma o cumprimento do mandamento de Deus quanto à multiplicação (vv. 1-2; Gn 1,28). Pela união conjugal, o ser humano transmite a seus descendentes a imagem e semelhança de Deus (v. 1; Gn 1,26.27). Cada um dos dez ramos genealógicos segue a lógica natural da vida (vv. 3-32), em que a pessoa nasce, cresce, reproduz-se e morre. O primogênito é posto em foco, por dar continuidade à vida do pai. Duas personagens são dignas de nota: a primeira é Henoc, pois tinha uma relação especial com Deus e foi arrebatado (v. 24); a segunda é Noé, apresentado como o consolador (v. 29). Se a genealogia do ser humano por meio de Caim focalizou o crescimento do pecado e da violência (Gn 4,8.23-24) junto à origem das artes e das profissões (Gn 4,17.20-22), a genealogia do ser humano por meio de Set enfatiza a propagação da bênção proferida por Deus aos progenitores (Gn 5,2.22.24.29).

15 Malaleel tinha sessenta e cinco anos quando gerou Jared. **16** Após ter gerado Jared, Malaleel viveu oitocentos e trinta anos e gerou filhos e filhas. **17** Todos os dias de Malaleel foram oitocentos e noventa e cinco anos, depois morreu.

18 Jared tinha cento e sessenta e dois anos quando gerou Henoc. **19** Após ter gerado Henoc, Jared viveu oitocentos anos e gerou filhos e filhas. **20** Todos os dias de Jared foram novecentos e sessenta e dois anos, depois morreu.

21 Henoc tinha sessenta e cinco anos quando gerou Matusalém. **22** Após ter gerado Matusalém, Henoc caminhou com Deus trezentos anos e gerou filhos e filhas. **23** Todos os dias de Henoc foram trezentos e sessenta e cinco anos. **24** Henoc caminhou com Deus e desapareceu, porque Deus o tomou.

25 Matusalém tinha cento e oitenta e sete anos quando gerou Lamec. **26** Após ter gerado Lamec, Matusalém viveu setecentos e oitenta e dois anos e gerou filhos e filhas. **27** Todos os dias de Matusalém foram novecentos e sessenta e nove anos, depois morreu.

28 Lamec tinha cento e oitenta e dois anos quando gerou um filho. **29** Ele chamou seu nome de Noé, dizendo: “Ele nos consolará de nossos afazeres e da fadiga de nossas mãos causada pelo solo, o qual o SENHOR amaldiçoou”. **30** Após ter gerado Noé, Lamec viveu quinhentos e noventa e cinco anos e gerou filhos e filhas. **31** Todos os dias de Lamec foram setecentos e setenta e sete anos, depois morreu.

32 Noé tinha a idade de quinhentos anos quando gerou Sem, Cam e Jafé.

Filhos de Deus e filhas dos homens

6 **1** Quando o ser humano começou a se multiplicar na superfície do solo, nasceram-lhes filhas. **2** Os filhos de Deus viram que as filhas do ser humano eram belas. Tomaram, pois, para si algumas mulheres

6,1-4 Esta é uma passagem enigmática, por apresentar elementos mitológicos, possivelmente populares no contexto em que o texto teve origem. A perícopete tem semelhanças com antigas literaturas gregas, egípcias, ugaríticas e mesopotâmicas, que retratam a união entre deuses e humanos. Por exemplo, o lendário rei sumério Gilgamesh é descendente da união entre parte da deusa Ninsun e parte do humano Lugalbanda, rei de Uruk (Gilgamesh I,35-36,48); mas também na mitologia grega os titãs são o resultado da união dos filhos de deuses com filhas de homens. Após a união entre seres humanos e divinos, o Senhor limita a existência do ser humano a cento e vinte anos. Tal prerrogativa, porém, terá suas exceções na sequência narrativa (Gn 11,32; 23,1; 25,7,17; Ex 6,18; Nm 33,39). Literalmente, Nefilim significa “aqueles que caíram”; a versão grega da Septuaginta usa o termo “gigantes”, como se estes fossem os titãs semíticos. Na sequência narrativa, esta perícopete sugere que o crescimento populacional, somado ao nascimento das cidades e ao desenvolvimento da técnica e da força (Gn 4,17-12), confirma no ser humano seu “ser como deuses” (Gn 3,5,22), levando-o à emancipação em relação a seu Criador (v. 4) e tendo como resultado a crescente maldade do ser humano na terra (v. 5).

que escolheram dentre todas. **3** O SENHOR disse: “Meu espírito não permanecerá no ser humano para sempre, já que ele também é carne. Seus dias, portanto, serão cento e vinte anos”. **4** Naqueles dias, bem como depois deles, os Nefilim estavam na terra. Quando os filhos de Deus se achegaram às filhas do ser humano, elas lhes deram à luz aqueles valentes, que desde sempre foram homens de nome.

Maldade humana

5 O SENHOR viu que era demais a maldade do ser humano na terra e que, todos os dias, toda forma de propósito do coração dele era apenas mal. **6** O SENHOR se arrependeu de ter feito o ser humano sobre a terra e se irritou em seu coração. **7** O SENHOR disse: “Exterminarei da superfície do solo o ser humano que criei, desde o ser humano até o animal, o réptil e a ave do céu. Certamente me arrependo por tê-los feito”.

8 Noé, entretanto, encontrou graça aos olhos do SENHOR.

Gerações de Noé

9 Estas foram as gerações de Noé. Noé era um homem justo e íntegro entre os de sua geração. Noé caminhava com Deus! **10** Noé gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé.

6,5-8 Deus viu e constatou a crescente maldade entre os seres humanos. A visão divina da maldade humana se opõe à visão da bondade da criação (Gn 1,4.10.12.18.21.25.35). Deus não é imparcial, pois seu ver é eficaz e resolutivo (vv. 5.12). Ele verá a situação de Lia e a tornará fértil (Gn 29,31); verá a dura escravidão imputada aos israelitas e os socorrerá (Ex 2,25); verá Moisés perto da sarça e o chamará para guiar o povo (Ex 3,4). A corrupção humana em razão do distanciamento de Deus se tornará tema frequente do antigo Israel (Gn 18). Jeremias, por exemplo, dirá a seus ouvintes que procurem inutilmente um justo em Jerusalém (Jr 5,1); e Ezequiel denunciará a crescente violência e corrupção na Cidade Santa (Ez 7). A constatação de Deus leva-o ao arrependimento, preparando, assim, o iminente dilúvio (Gn 7), que tem como consequência o extermínio de toda a criação. No projeto divino, a criação depende do ser humano tanto quanto o ser humano depende da criação. Há, portanto, uma relação de coexistência e interdependência. Sendo assim, a maldade do ser humano gera consequências letais também ao criado, que não subsistiria ou não teria razão de existir sem o ser humano. Desse modo, a decisão divina de exterminar o ser humano compromete a existência da criação (Gn 1,26-31; 2,7-24). Não obstante a decisão de Deus de exterminar a criação (v. 7), ainda há esperança em Noé (v. 8).

6,9-10 Noé difere de todos de sua geração, pois é justo, íntegro e caminha com Deus (v. 9). Tais virtudes inspiram esperança para o criado, pois se tornaram garantia da sobrevivência das diversas espécies (Gn 6,18-20).

Gn **Arca de Noé**

11 A terra se corrompeu diante de Deus. A terra se encheu de violência. **12** Deus viu a terra; e eis que estava corrompida. De fato, toda carne havia corrompido seu caminho sobre a terra.

13 Deus disse a Noé: “O fim de toda carne está chegando diante de mim, pois a terra ficou cheia de violência em razão da presença deles; eis que eu os exterminarei com a terra. **14** Faze uma arca de madeira resinosa para ti! Farás compartimentos na arca e a calafetearás com betume por dentro e por fora. **15** É assim que a farás: o comprimento da arca será trezentos côvados; sua largura, cinquenta côvados e sua altura, trinta côvados. **16** Farás um teto para a arca, um côvado acima a terminarás. Porás a porta da arca a seu lado; e farás um baixo, um segundo e um terceiro andar. **17** Quanto a mim, eis que eu estou fazendo chegar um dilúvio sobre a terra, para destruir toda carne em que há espírito vivente debaixo do céu. Tudo que há na terra morrerá! **18** No entanto, estabelecerei minha aliança contigo. Entrarás na arca: tu, teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. **19** E, de cada vivente, de cada carne,

6,11-22 O dilúvio não é uma fatalidade ou um ato desmotivado de Deus. Segundo a narrativa, o dilúvio se deve à corrupção e à violência humana na terra. De fato, desde o exílio do paraíso, a humanidade tem praticado ciúme (Gn 4,3), fratricídio (Gn 4,8), vingança (Gn 4,23-24) e maldade (Gn 6,5). Ao constatar esse cenário, Deus se arrepende de sua criação (Gn 6,6-7). O tema do dilúvio universal, incluindo a construção de uma arca e a figura de um herói, não é uma exclusividade do antigo Israel, pois se trata de um fenômeno conhecido nas epopeias do antigo Oriente Próximo. É possível que o antigo Israel tenha se apropriado de elementos importantes da cultura dominante, por exemplo, a epopeia de *Gilgamesh* e *Atrahasis*, da antiga Babilônia, adaptando-os à sua própria teologia. Desse modo, o antigo Israel conta sua versão da “história”, afirmando sua perspectiva, segundo a qual o criador do universo não é um deus entre os deuses estrangeiros do antigo Oriente Próximo, mas “o” seu Deus. O antigo Israel atribui a seu Deus o dilúvio, cujo herói salvo do acontecimento é, igualmente, um antepassado de sua tradição, Noé. Sendo assim, o antigo Israel não precisa recorrer à literatura, teodiceia ou ao panteão de seus vizinhos para ter respostas às questões fundamentais sobre a origem do universo, a justiça, a misericórdia divina, a malícia humana ou o destino dos justos. Como unidade de medida, o texto usa o “côvado” (v. 15), que corresponde a cerca de quarenta e cinco centímetros de comprimento. Neste sentido a arca deveria ter aproximadamente cento e trinta e cinco metros de comprimento, vinte e dois metros de largura e treze metros de profundidade. Ainda em relação às dimensões da arca, há quem veja nelas um jogo sobre os valores cifrados das letras do Tetragrama (Y=10; H=5; W=6). A largura é de cinquenta, que corresponde ao produto da multiplicação das duas primeiras letras Y e H (10 × 5). O comprimento é de trezentos, cifra obtida pela multiplicação das três letras Y, H e W (10 × 5 × 6). A altura, trinta, corresponde ao produto das letras W e H (6 × 5). Conclui-se que se refugiar no NOME é o meio para escapar ao dilúvio. No Pentateuco, apenas a arca e a habitação de Deus são descritas com tantas precisões de medidas e detalhes arquitetônicos (Ex 25-31; 35-40). A arca também compartilha certa semelhança com o “cesto” no qual Moisés será depositado (v. 14; Ex 2,3,5) nas águas do Nilo, pois em hebraico se trata da mesma palavra. Tanto no templo quanto no universo Deus reside. Deus fecha a arca pelo lado de fora e não habita nela (v. 16).

farás entrar na arca dois de cada, para os preservares contigo. Serão um macho e uma fêmea ²⁰ das aves segundo suas espécies, dos animais segundo suas espécies e de todos os répteis do solo segundo suas espécies. Dois de cada entrarão junto a ti para serem preservados. ²¹ Quanto a ti, toma para ti de todo tipo de alimento comestível, armazena-o junto a ti, pois servirá de alimento para ti e para eles!” ²² Noé fez tudo. Conforme Deus lhe ordenara, assim o fez.

Início do dilúvio

7 ¹ O SENHOR disse a Noé: “Entra na arca, tu e toda a tua casa, pois vejo que, nesta geração, tu és justo diante de mim! ² De todo animal puro tomarás sete pares para ti, o macho e sua fêmea; do animal que

7,1-24 O relato do dilúvio gera esperança, pois, embora o mundo esteja caótico, corrompido e violento (Gn 6,11), basta um justo para que seja salvo (Gn 7,1). A descrição do início do dilúvio parece evocar implicitamente a narrativa da criação (Gn 1,1-2,3). Com o rompimento de todas as fontes do grande abismo, o universo retornou à inconsistência primordial, sendo que as águas de cima se juntam às águas de baixo (Gn 1,6-10). O universo retorna à vacuidade, pois a ordem e a beleza submergem em um grande abismo aquoso (Gn 1,2). A vida, entretanto, subsiste dentro da arca (v. 23b). Com relação ao número e à qualidade dos animais, notam-se algumas divergências: de uma parte, Deus ordena a separação de um casal de cada espécie de animal (Gn 6,19-20; 7,9.14-15); de outra parte, fala-se de sete casais de cada espécie de animal puro e um casal de cada espécie de animal impuro (vv. 2-3). Tal divergência provavelmente seja fruto de acréscimos redacionais à narrativa original, à qual se atribui o ingresso de um casal de cada espécie de animal. Questões referentes à pureza ou impureza dos animais serão tratadas em textos posteriores (Lv 7,21; 11,1-47; 20,25; 27,11.27). Os adjetivos “puro” e “impuro” podem ser usados em sentido literal no caso do ouro, ritual, sendo que basta se lavar para reverter o estado de impureza (Lv 15), ou ético, pois é necessário o reconhecimento do mal e a oferta de sacrifício expiatório (Lv 17-18). A referência a animais puros e impuros na narrativa do dilúvio não está relacionada ao sentido ritual, mas parece antecipar os critérios sobre animais apropriados ou não para o consumo (Lv 11; Dt 14). Com relação à duração da chuva, quarenta dias e quarenta noites (vv. 4.12.17; Gn 8,6), vale notar que na Bíblia o número quarenta e seus múltiplos assume, em geral, um valor simbólico: Moisés permanecerá quarenta dias e quarenta noites no Sinai (Ex 24,18; 34,28; Dt 9,9.11.18.25; 10,10); Elias pelo mesmo tempo se refugiou no Horeb para fugir de Jezabel (1Rs 19,8); os enviados de Moisés ficaram quarenta dias examinando a terra de Canaã (Nm 13,25; 14,34); o filisteu Golias por quarenta dias se aproximou do acampamento de Israel (1Sm 17,16); Nínive tinha quarenta dias para se converter (Jn 3,4); quarenta anos foi o tempo transcorrido por Israel no deserto (Ex 16,35; Nm 14,33-34; 32,13; Dt 2,7; 8,2.4; 29,4); o reinado de Davi durou quarenta anos (2Sm 5,4; 1Rs 2,11; 1Cr 29,27). Quarenta indica, portanto, o tempo necessário para que algo novo aconteça. Os sete dias à disposição de Noé antes do dilúvio (vv. 4.10) correspondem aos sete dias que Deus levou para criar o universo. Entretanto, após os sete dias, é Deus quem fecha a porta da arca (v. 16b), afirmando que a salvação de Noé, de sua família e de cada espécie criada depende de Deus. O texto usa a idade de Noé como referência para datar o dilúvio (vv. 6.11a). O versículo 11a indica a data exata do início do dilúvio e segue apresentando seus estágios (v. 23; Gn 8,3b.4.5.13.14). O fim do dilúvio ocorre no dia do ano-novo (Gn 8,13). A simetria no uso dessas datas parece sugerir que certa ordem preside a desordem, ordem que sobrevive na arca conforme às ordens divinas.

não for puro, apenas uma dupla, o macho e sua fêmea; **3** da ave do céu também sete pares, sendo macho e fêmea, a fim de preservar uma descendência sobre a superfície de toda a terra. **4** Porque, daqui a sete dias, eu farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites, e exterminarei da superfície do solo todos os seres que fiz”. **5** Noé fez tudo conforme lhe ordenara o SENHOR. **6** Noé tinha seiscentos anos quando aconteceu o dilúvio de águas sobre a terra.

7 Noé entrou na arca com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, por causa da presença das águas do dilúvio. **8** Do animal puro e do animal que não era puro, das aves e de tudo que rasteja sobre o solo, **9** entraram aos pares com Noé na arca, macho e fêmea, conforme Deus ordenara a Noé. **10** Transcorridos sete dias, as águas do dilúvio irromperam sobre a terra.

11 No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês do ano, no décimo sétimo dia do mês, neste dia, romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas do céu se abriram. **12** Começou uma chuva sobre a terra por quarenta dias e quarenta noites.

13 Nesse mesmo dia Noé entrou na arca com Sem, Cam e Jafé, filhos de Noé, a mulher de Noé e as três mulheres de seus filhos, que estavam com ele. **14** Ele e cada vivente, segundo sua espécie; cada animal, segundo sua espécie; cada réptil que rasteja sobre a terra, segundo suas espécies; cada ave, segundo suas espécies, isto é, cada pássaro e tudo que tem asa. **15** Entraram na arca com Noé, dois a dois de tudo que tinha carne, de tudo em que nele havia espírito de vida. **16** Aqueles que vieram e entraram eram o macho e a fêmea de toda carne, conforme Deus lhe ordenara. Depois o SENHOR a fechou por fora.

17 E houve quarenta dias de dilúvio sobre a terra. As águas aumentaram e levantaram a arca, elevaram-na acima da terra. **18** As águas excederam-se e aumentaram muito sobre a terra, tanto que a arca flutuava na superfície das águas. **19** E as águas se excederam mais e mais sobre a terra. Todas as altas montanhas que havia debaixo de todo o céu foram cobertas. **20** As águas excederam-se quinze côvados acima e cobriram as montanhas. **21** Expirou, pois, toda carne que rastejava sobre a terra, tanto de ave quanto de animais, no ser vivo, em todo fervilhamento que fervilha sobre a terra e todo ser humano. **22** Tudo que tinha fôlego de espírito vivente em suas narinas, isto é, tudo que havia na terra seca morreu. **23** Exterminou-se, pois, todo ser que havia na superfície do solo. Da terra foram exterminados, portanto, desde o ser humano até o animal, os répteis e a ave do céu. Restou apenas Noé e o que estava com ele na arca. **24** As águas excederam-se sobre a terra por cento e cinquenta dias.

Fim do dilúvio

8 ¹ Deus se lembrou de Noé e de todo vivente, de todo animal que estava com ele na arca. Então Deus fez passar um sopro sobre a terra, e as águas baixaram. ² As fontes do abismo e as comportas do céu foram fechadas, e a chuva foi detida. ³ As águas voltavam de sobre a terra, isto é, seguiam retornando; ao fim de cento e cinquenta dias as águas diminuíram.

⁴ No sétimo mês, no décimo sétimo dia do mês, a arca atracou sobre os montes de Ararat. ⁵ As águas continuaram escoando e diminuído até o décimo mês. No primeiro dia do décimo mês, apareceram os cumes dos montes. ⁶ Ao fim de quarenta dias, Noé abriu uma janela da arca que fizera ⁷ e enviou o corvo. Ele saiu, ficava saindo e retornando, até que secaram as águas sobre a terra. ⁸ Depois, enviou a pomba de junto dele para verificar se as águas haviam diminuído de sobre a superfície do solo. ⁹ A pomba, porém, não encontrou lugar de pouso para suas patas e voltou-lhe, rumo à arca, porque havia água na superfície de toda a terra. Estendeu, pois, sua mão, tomou-a e trouxe-a consigo para a arca. ¹⁰ Esperou ainda outros sete dias e, da arca, enviou novamente a pomba. ¹¹ A pomba voltou-lhe no período da tarde, e eis que havia um ramo fresco de oliveira em seu bico. Assim, Noé soube que as águas haviam diminuído de sobre a terra. ¹² Esperou ainda outros sete dias e enviou a pomba que, desta vez, não lhe voltou mais.

¹³ No ano seiscentos e um, no início do primeiro mês, quando secaram as águas de sobre a terra, Noé retirou a cobertura da arca e viu: eis que a superfície do solo estava seca. ¹⁴ E, no segundo mês, no vigésimo sétimo dia do mês, a terra estava enxuta.

¹⁵ Deus falou a Noé: ¹⁶ “Sai da arca, tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos que estão contigo! ¹⁷ Todo vivente que estiver contigo, de qualquer carne: da ave, do animal, e todo réptil que rasteja

8,1-22 A imagem de Deus que não abandona nem se esquece de sua criatura, mas dela se recorda e cuida, é recorrente na literatura bíblica (Gn 9,16; 19,29; 30,22; Ex 2,24; 6,5; Lv 24,42-45; Sl 98,3; 115,12; Is 43,25; Jr 2,2; 31,20; 44,21). O recordar de Deus impele a uma ação salvífica, portanto, recriadora. Nesse sentido, diversos elementos da sequência narrativa fazem alusão ao ato da criação, a começar pelo sopro de Deus sobre as águas (v. 1; Gn 1,1). Após o vento enviado por Deus, a situação caótica começa a se reorganizar, as águas de cima e de baixo se separam novamente (v. 3; Gn 1,9), as águas da terra desaparecem, deixando espaço para a terra seca (vv. 3-5; Gn 1,10) e dando possibilidade para o florescimento da vegetação (v. 11; Gn 1,11-13); por fim, todo ser vivo, após a ordem divina, sai da arca e passa a habitar a terra (vv. 15-19; Gn 1,20-26). O fim do dilúvio demarca, portanto, o início de uma nova criação. Noé inaugura a era pós-diluviana com o primeiro altar e o primeiro holocausto, como oferta espontânea de gratidão do justo pela lembrança benévola de Deus (v. 1). O sacrifício do justo agradou a Deus, que em resposta lhe assegurou não mais maldizer ou ferir a terra e a criação (vv. 21-22; Is 54,9), garantindo à natureza seu ritmo de estações, plantios e colheitas (v. 22).

sobre a terra, faze-os sair contigo! Prolifere-se na terra, sejam fecundos e multipliquem-se sobre a terra!” ¹⁸ Noé saiu com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, que estavam com ele. ¹⁹ Também saíram da arca todo vivente, todo réptil, toda ave e tudo que rasteja sobre a terra, segundo suas famílias.

²⁰ Noé construiu um altar para o SENHOR, tomou um de cada animal puro e de cada ave pura, e ofereceu holocaustos sobre o altar. ²¹ O SENHOR sentiu o odor apaziguante e o SENHOR disse em seu coração: “Não tornarei mais a maldizer o solo por causa do ser humano, porque o propósito do coração do ser humano é mau desde a juventude; também não tornarei mais a ferir todo vivente como fiz. ²² Durante todos os dias da terra haverá semente e colheita, frio e calor, verão e inverno; dia e noite não cessarão”.

Aliança com Noé

9 ¹ Deus abençoou Noé e seus filhos e lhes disse: “Frutificai e multiplicai-vos, enchei a terra! ² Que o medo de vós e o terror de vós esteja em todo vivente da terra, em toda ave do céu, em tudo que rasteja sobre o solo e em todos os peixes do mar, os quais foram dados em vossas mãos! ³ Tudo que se move, cuja vida estiver nele, vos servirá de alimento; assim como a erva verde, dou-vos tudo. ⁴ Contudo, a carne com sua alma, isto é, seu sangue, não comereis! ⁵ Vosso sangue, certamente, buscarei por vossa alma; da mão do ser humano, da mão de cada um de seus irmãos, pedirei conta da alma do ser humano.

9,1-17 A bênção de Deus a Noé e seus filhos retoma as primeiras palavras que Deus dirigiu ao ser humano após a criação (vv. 1-3; Gn 1,28-29), confirmando a soberania do ser humano em relação ao criado e acrescentando a carne animal à dieta humana (v. 3), sem ainda distinguir o que é apropriado ou inapropriado ao consumo (Lv 11; Dt 14). O sangue, porém, é enfaticamente excluído do cardápio humano (v. 4; Lv 3,17; 7,26-37; 17,10.12.14; 19,26; Dt 12,16.23.27; 15,23), pois, sendo vida, pertence exclusivamente a Deus (Lv 17,14). Ainda sobre o motivo do sangue, acrescenta-se a limitação ao ser humano de exercer violência contra seu semelhante (v. 5), pois todo derramamento de sangue será cobrado, seja de animais (Ex 21,28-29.32), seja de seres humanos (Gn 4,1-16; Ex 21,12.14; Nm 35,16.17.18.21.31; Lv 24,17). A sacralidade da vida humana e sua inviolabilidade se fundamentam na imagem de Deus (Gn 1,26.27; 5,3). Portanto, para o derramamento de sangue humano vale a lei do talião (vv. 5-6), que prevê ao ofensor uma pena igual ao dano causado (Ex 21,23-25; Lv 24,17-21; Dt 19,21; 25,11). A vocação do ser humano é perpetuar a vida e não a morte, de modo que Deus o ordena mais uma vez a frutificar e multiplicar-se (v. 7). A aliança de Deus com Noé e seus filhos (vv. 8-17; Gn 6,18) é selada com um sinal, o arco-íris entre as nuvens (vv. 12.14.16.17). Sendo aliança eterna, unilateral e inclusiva, Deus não tornará mais a exterminar a humanidade pelas águas do dilúvio (v. 11). De fato, a sequência textual apresentará um episódio no qual o pecado humano é extremamente grave, a ponto de impelir Deus a novamente eliminar o pecado junto com os pecadores (Gn 19). Dessa vez, entretanto, em vez de água, o Senhor fará chover enxofre e fogo (Gn 19,24-25).

6 Quem derramar sangue do ser humano, pelo ser humano terá seu sangue derramado, porque à imagem de Deus o ser humano foi criado.

7 Quanto a vós, frutificai e multiplicai-vos, povoai a terra e nela multiplicai-vos!”

8 Deus disse a Noé e a seus filhos, que estavam junto dele: **9** “Quanto a mim, eis que estabeleço uma aliança convosco, com vossa descendência depois de vós **10** e com todo ser vivente que está convosco, com o pássaro, com o animal e com todo vivente da terra que está convosco, com todos que saíram da arca, enfim, com todo vivente da terra. **11** Estabelecerei minha aliança convosco. E não será mais destruída nenhuma carne pelas águas do dilúvio. Não haverá mais dilúvio para exterminar a terra”.

12 Deus disse: “Este é o sinal da aliança que ponho entre mim e entre vós, entre todo ser vivente que está convosco, para as futuras gerações. **13** Colocarei meu arco entre as nuvens, e ele se tornará um sinal de aliança entre mim e a terra. **14** Quando eu trouxer nuvens sobre a terra, e o arco aparecer entre as nuvens, **15** eu me recordarei de minha aliança, que está entre mim e vós, entre todo ser vivente e toda carne. Então as águas não se tornarão mais um dilúvio para exterminar toda carne. **16** O arco que estará nas nuvens, eu o verei para lembrar-me da aliança perpétua entre Deus e todo ser vivente, toda carne que está sobre a terra”.

17 Deus disse a Noé: “Este é o sinal da aliança que estabeleci entre mim e toda carne que está sobre a terra!”

Embriaguez de Noé

18 Os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cam e Jafé. Quanto a Cam, ele foi pai de Canaã. **19** Esses foram os três filhos de Noé, e a partir deles toda a terra foi povoada.

9,18-29 O episódio da embriaguez de Noé entra para a categoria dos relatos da origem dos ofícios, neste caso o de viticultor. O ato de se embriagar e se desnudar revela o lado frágil do homem justo e irreprensível diante de Deus (v. 21; Gn 6,9; 7,1), mas não justifica a atitude de Cam diante de seu pai (v. 22). De fato, descobrir a nudez é um eufemismo usado na legislação do antigo Israel para se referir a atos ilícitos (Lv 18,7-8; 20,17; Ez 16,37). O episódio não dá detalhes sobre o ocorrido, mas a reação de Noé, ao tomar conhecimento do fato, permite constatar que tenha sido algo que justifica a maldição sobre Canaã (vv. 24-27). Desse modo, a narrativa específica e explica as relações entre os povos. Canaã, de fato, na sequência narrativa estará entre os principais inimigos do antigo Israel, a ser combatido para tomar posse da terra (Ex 6,4; 16,35; Lv 14,34; 18,3; 25,38; Nm 13,2; 35,10; Dt 32,49; Js 5,12). Consequentemente, também, torna-se clara a proeminência de Sem (v. 26), do qual descenderá Israel (Gn 10,21-31; 11,10-26).

20 Noé se tornou um homem do solo e plantou uma vinha. **21** Bebeu, pois, do vinho, embriagou-se e desnudou-se dentro da tenda. **22** Cam, pai de Canaã, viu a nudez de seu pai e a comunicou a seus dois irmãos, que estavam de fora. **23** Sem e Jafé tomaram o manto e o puseram sobre os próprios ombros. Caminharam de costas e cobriram a nudez do pai deles. Não viram a nudez do pai deles, pois estavam com seus rostos virados para trás.

24 Quando Noé acordou de seu vinho, soube o que seu filho menor lhe fizera **25** e disse:

“Maldito seja Canaã!
Servo dos servos será para seus irmãos”.

26 Disse:

“Bendito seja o SENHOR, Deus de Sem!
Que Canaã seja seu servo!
27 Que Deus dilate Jafé,
que ele habite as tendas de Sem!
Que Canaã seja seu servo!”

28 Depois do dilúvio, Noé viveu trezentos e cinquenta anos. **29** Todos os dias da vida de Noé foram novecentos e cinquenta anos. Depois morreu.

Nações descendentes de Noé

10¹ Estas são as gerações dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé. Após o dilúvio lhes nasceram filhos.

2 Filhos de Jafé: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras.

3 Filhos de Gomer: Asquenez, Rifat e Togorma. **4** Os filhos de Javã: Elisa,

10,1-32 Uma nova seção é inaugurada dentro do livro do Gênesis, dedicada à origem das nações pelas quais a terra foi povoada após o dilúvio. Segundo o texto, todos os povos descendiam dos três filhos de Noé (v. 32). A apresentação de suas respectivas genealogias, em vez de obedecer à sequência lógica dos nomes: Sem, Cam e Jafé (v. 1), inverte a ordem, apresentando primeiro Jafé (v. 2), depois Cam (v. 6) e por último Sem (v. 21). A totalidade dos descendentes pós-diluvianos é de setenta nomes, cifra que corresponderá ao número dos filhos de Israel que entrarão no Egito (Gn 46,27; Ex 1,5; Dt 10,22). A tábua dos povos organiza o mundo em três círculos concêntricos em torno da terra de Canaã. O primeiro círculo, dos provenientes de Jafé, faz referência aos povos das regiões ao norte de Canaã, isto é, a ilha de Chipre, a Grécia e a Turquia (vv. 1-5); no segundo círculo estão os descendentes de Cam, isto é, os egípcios, os babilônios, os filisteus e os cananeus, em sua maioria localizados ao leste e ao sul (vv. 6-10); por fim, os descendentes de Sem, de quem Israel é parente distante (vv. 21-31), a saber, Aram, Assur, Elam, povos que vivem ao leste de Israel. A tábua dos povos, portanto, traduz a consciência do parentesco entre as famílias da terra, dado que há um único Senhor e criador do universo. Nota-se que Israel está ausente da lista. Por ser um povo jovem, a entrada de Israel na história universal é mais tardia.

Társis, os ceteus e os dodaneus. **5** A partir desses, dispersaram-se as nações das ilhas em seus territórios, cada um segundo sua língua, segundo suas famílias, em suas nações.

6 Filhos de Cam: Cuch, Egito, Fut e Canaã. **7** Filhos de Cuch: Sebá, Hévila, Sabata, Regma e Sabataca. Filhos de Regma: Sabá e Dadã.

8 Cuch gerou Nemrod. Ele foi o primeiro valente da terra. **9** Ele foi um valente caçador diante do SENHOR, por isso se diz: “Seja como Nemrod, o valente caçador diante do SENHOR!” **10** A princípio seus reinos foram: Babel, Erec, Acad e Calane, na terra de Senaar. **11** Dessa mesma terra saiu para a Assíria e construiu Nínive, Reobot-Ir, Cale, **12** e Resen, entre Nínive e Cale, isto é, a grande cidade.

13 Mesraim gerou os ludeus, os anameus, os leabeus, os naftueus, **14** os patruseus, os caslueus, de onde saíram os filisteus, e os caftoreus.

15 Canaã gerou seu primogênito Sidônia, Het, **16** o jebuseu, o amorreu, o gergeseu, **17** o heveu, o araceu, o sineu, **18** o arádio, o samareu, o emateu. Depois, as famílias dos cananeus se dispersaram.

19 A fronteira dos cananeus ia desde Sidônia, rumo a Gerara, até Gaza, dirigindo-se rumo a Sodoma, Gomorra, Adama e Seboim, até Lesa. **20** Esses foram os filhos de Cam, segundo suas famílias, segundo suas línguas, em suas terras e em suas nações.

21 Nasceram também para Sem. Ele também foi pai de todos os filhos de Éber e irmão mais velho de Jafé.

22 Filhos de Sem: Elam, Assur, Arfaxad, Lud e Aram. **23** Filhos de Aram: Us, Hul, Geter e Mês.

24 Arfaxad gerou Selá, e Selá gerou Éber. **25** A Éber nasceram dois filhos: o nome do primeiro foi Faleg, porque em seus dias a terra foi dividida; o nome de seu irmão era Jectã. **26** Jectã gerou Elmodad, Salef, Asarmot, Jaré, **27** Aduram, Uzal, Decla, **28** Obal, Abimael, Sabá, **29** Ofir, Hévila, Jobab. Todos esses foram os filhos de Jectã. **30** Eles habitaram desde Mesa, indo rumo a Sefar, até a montanha do oriente.

31 Esses foram os filhos de Sem, segundo suas famílias, segundo suas línguas, em suas terras e em suas nações.

32 Essas foram as famílias dos filhos de Noé, segundo suas gerações, em suas nações. Desses se dispersaram as nações na terra após o dilúvio.

Babel

11 **1** Toda a terra tinha uma única língua, com as mesmas palavras. **2** Quando partiram do oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e ali residiram. **3** Disseram uns aos outros: “Vinde! Façamos tijolos

11,1-10 A tábua das nações apresentou a origem da diversidade e dispersão dos povos segundo suas línguas e nações (Gn 10,5.19.31). Gn 11 parte, porém, da perspectiva de uma única língua, com as mesmas palavras, dominando a terra (vv. 1.6.7).

e os queimemos ao forno!” Os tijolos se tornaram pedras para eles, e o betume lhes serviu como cimento. **4** Disseram: “Vinde! Construamos uma cidade para nós com uma torre, cujo cume toque no céu! Façamo-nos um nome para que não nos dispersemos sobre a superfície de toda a terra!”

5 O SENHOR desceu para ver a cidade e a torre que os filhos do ser humano construíram. **6** O SENHOR disse: “Eis um único povo e uma única língua para todos! Começaram a fazer isso e agora ninguém os impedirá de fazer tudo o que planejam. **7** Vinde! Descemos e confundamos as línguas ali! Assim, não escutarão um a língua dos outros”. **8** O SENHOR os dispersou dali sobre a superfície de toda a terra. Então cessaram de construir a cidade. **9** Por isso, seu nome foi chamado Babel, porque ali o SENHOR confundiu a linguagem de toda a terra e dali o SENHOR os dispersou sobre a superfície de toda a terra.

Gerações de Sem

10 Estas são as gerações de Sem. Sem tinha cem anos quando gerou Arfaxad, dois anos após o dilúvio. **11** Após o nascimento de Arfaxad, Sem viveu quinhentos anos e gerou filhos e filhas.

Essa potência provém do oriente e instala-se em Senaar (v. 2), com o intuito de estabelecer ali sua sede. Trata-se de um empreendimento totalitário, cuja construção simboliza sua força e poder (vv. 3-7). A torre, cujo cimo penetra o céu, dispensando a participação divina, serve como meio para se cobrirem de glória e para fazerem para si um nome (v. 4). Contra esse plano, Deus intervém com eficácia resolutiva (vv. 5-9), confundindo as estratégias ambiciosas do ser humano. Jogando com o verbo hebraico *balal*, que significa “confundir”, “embaralhar”, dá-se a essa cidade o nome de “Babel” (v. 9), que se tornará protótipo do insucesso da ambição humana e da reafirmação da soberania do único Deus. Ainda sobre as técnicas de construção, nota-se que a voz do narrador se refere a duas técnicas diferentes, uma com pedras e argila, própria dos hebreus, outra com tijolos e betume (v. 3), própria dos babilônios. O modo de construir com tijolos queimados foi uma invenção importante, sendo que dispensava a proximidade de pedreiras para a construção, dando simultaneamente autonomia e liberdade aos construtores, que podiam fazer tijolos uniformes e sob medida para construir no lugar que lhes parecesse melhor. Essa técnica foi usada para a construção dos Zigurate, isto é, uma forma de templo construído como pirâmides terraplanadas, criada pelos sumérios, mas comum entre babilônios e assírios. Sua estrutura era composta de vários andares em forma escalar. Acreditava-se que em seu topo residiam os deuses. Por isso, o peregrino devia chegar ao topo para se encontrar com os deuses. Nota-se que o movimento era todo do ser humano em direção aos deuses e aos céus, enquanto a narrativa bíblica insiste na revelação de Deus, que vem ao encontro do ser humano (Gn 3,16).

11,10-26 Esta genealogia constitui uma ponte literária para vincular a pré-história do mundo e seus habitantes à época patriarcal e matriarcal, que ocupará a sequência do livro do Gênesis. A genealogia de Gn 5 ligava Adão, o primogênito da humanidade, a Noé, o precursor da nova humanidade pós-dilúvio. A genealogia de Gn 11 conecta Sem, o primogênito de Noé, a Abraão, o epônimo do antigo Israel (v. 26). O texto culmina particularmente em Taré (vv. 24-26), pai de Abraão (v. 27), com quem a pré-história da humanidade é encerrada, dando, portanto, início à uma nova era, a dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel.

12 Arfaxad viveu trinta e cinco anos e gerou Selá. **13** Após ter gerado Selá, Arfaxad viveu quatrocentos e três anos e gerou filhos e filhas.

14 Selá viveu trinta anos e gerou Éber. **15** Após ter gerado Éber, Selá viveu quatrocentos e três anos e gerou filhos e filhas.

16 Éber tinha trinta e quatro anos quando gerou Faleg. **17** Após ter gerado Faleg, Éber viveu quatrocentos e trinta anos e gerou filhos e filhas.

18 Faleg tinha trinta anos quando gerou Reu. **19** Após ter gerado Reu, Faleg viveu duzentos e nove anos e gerou filhos e filhas.

20 Reu tinha trinta e dois anos quando gerou Sarug. **21** Após ter gerado Sarug, Reu viveu duzentos e sete anos e gerou filhos e filhas.

22 Sarug tinha trinta anos quando gerou Nacor. **23** Após ter gerado Nacor, Sarug viveu duzentos anos e gerou filhos e filhas.

24 Nacor tinha vinte e nove anos quando gerou Taré. **25** Após ter gerado Taré, Nacor viveu cento e dezenove anos e gerou filhos e filhas.

26 Taré tinha setenta anos quando gerou Abrão, Nacor e Arã.

CICLO DE ABRAÃO E SARA

Gerações de Taré

27 E estas são as gerações de Taré: Taré gerou Abrão, Nacor e Arã. Arã gerou Ló. **28** No entanto, Arã morreu na presença de Taré, seu pai, na terra de sua parentela, em Ur dos caldeus. **29** Abrão e Nacor tomaram mulheres para si. O nome da mulher de Abrão era Sarai, e o nome da mulher de Nacor era Melca, filha de Arã, pai de Melca e Jesca. **30** Entretanto, Sarai foi estéril sem que houvesse um filho para ela.

31 Taré tomou Abrão, seu filho, e Ló, filho de Arã, seu neto, e Sarai, sua nora, mulher de Abrão, seu filho. Eles saíram de Ur dos caldeus para caminhar rumo à terra de Canaã. Chegaram até Harã e ali residiram.

32 Os dias de Taré foram duzentos e cinco anos, e Taré morreu em Harã.

11,27-32 A sucessão das gerações de Sem é interrompida com a morte do filho mais novo de Taré (Gn 11,10-28), que é Arã, e a introdução de Sara, esposa estéril de Abraão. A esterilidade feminina é um motivo recorrente nas narrativas bíblicas (Gn 25,21; 29,31; Jz 13,2-3; 1Sm 1,5-6; Is 54,1). A decisão de Taré de tomar Abraão, Ló e Sara e emigrar de Ur dos caldeus para Canaã sugere a fuga de um ambiente de morte. Contudo, a morte alcança Taré em Harã, gerando suspense quanto ao futuro de Abraão, Ló e Sara. O Pentateuco samaritano registra a morte de Taré aos cento e quarenta e cinco anos, dando a entender que Abraão teria partido de Harã por ocasião da morte de seu pai (Gn 12,4).